



UC/FPCE — 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Estudos com a Entrevista Forense do Protocolo do
NICHHD – Análise da influência do questionamento
fechado na informação exata, nos erros e nas
confabulações**

Liliana Marisa Fernandes Barros (lylyanafernandes@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, sub-área de
especialização em Psicologia Forense, sob a orientação da professora
Doutora Isabel Maria Marques Alberto

Estudos com a Entrevista Forense do Protocolo do NICHD – Análise da influência do questionamento fechado na informação exata, nos erros e nas confabulações

Resumo: O envolvimento cada vez maior de crianças e adolescentes com o sistema de justiça e toda a perturbação que lhe está associada, tem fomentado investigações sobre o que fazer para tornar menos penosa e mais produtiva esta colaboração, surgindo frequentemente a Entrevista Forense como o único recurso válido para obtenção de prova. Nesse sentido, o atual estudo integra uma investigação de âmbito nacional de adaptação do Protocolo Flexível de Entrevista do *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD), pretendendo estudar especificamente a influência do questionamento fechado na precisão dos relatos de crianças e adolescentes. Tendo em vista esse objetivo, desenhou-se um plano de investigação que implicava o visionamento de um pequeno vídeo, seguido da administração do guião de entrevista do NICHD a uma amostra de 120 crianças e adolescentes da população geral, com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos de idade. 60 crianças foram entrevistadas exclusivamente através do protocolo do NICHD, enquanto às restantes 60 foi administrado um conjunto de questões fechadas após o protocolo de entrevista do NICHD. Uma semana depois, as crianças foram novamente entrevistadas através do protocolo do NICHD, sem qualquer questionamento fechado. Verificou-se que a idade é a variável preditora da quantidade de informação exata e confabulações dadas pelos sujeitos, tendo ainda influência no número de erros relatados. O questionamento fechado não pareceu influenciar a qualidade da informação relatada uma semana depois, mas registou-se um conjunto de respostas diretas às questões fechadas que alerta para os perigos deste tipo de questionamento. Contudo, há necessidade de desenvolver mais estudos nesta área que permitam aprofundar estes resultados iniciais.

Palavras-chave: Entrevista Forense, Questionamento fechado; Informação exata, Confabulações, Erros, Idade

Studies with the NICHD Forensic Interview Protocol - Analysis of the influence of closed questioning in exact information, errors and confabulations

Abstract: The growing involvement of children and adolescents with the justice system and all the perturbation associated with it, has stimulated research on what to do to make this cooperation less painful and more productive, often emerging the Forensic Interview as the only valuable resource for obtaining evidence. Therefore, the current study integrates a nationwide investigation regarding the adaptation of the Flexible Interview Protocol of the *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD), intending to study specifically the influence of closed questioning in the accuracy of children and adolescents reports. Having this in mind, a research plan was drawn, which implied the viewing of a short video,

followed by the administration of the NICHD interview guide to a sample of 120 children and adolescents of the general population aged between 4 and 16 years old. 60 children were interviewed exclusively through the NICHD protocol whereas the remaining 60 were asked a set of closed questions after the NICHD interview protocol. A week later, these children and adolescents were again interviewed through the NICHD Protocol, without any closed questioning. It was observed that age is the predictor variable of the amount of the accurate information and confabulations given by the subjects, having also influence in the number of reported errors. The closed questioning did not seem to influence the quality of the reported information a week later, but there was a set of direct answers to closed questions which alerts to the dangers of this kind of questioning. Nevertheless, it is necessary to develop further studies in this area, which may allow deeper into these initial results.

Keywords: Forensic Interview, Closed questioning; Exact information, Confabulation, Errors, Age.

Agradecimentos

A todas as crianças e adolescentes que participaram neste projeto e às pessoas e instituições que proporcionaram essa participação, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

À orientadora deste trabalho, a professora Doutora Isabel Alberto, pela disponibilidade incansável, pela postura calma e dedicada e pelo rigor científico dos seus ensinamentos.

Aos meus pais e à estrelinha da minha bisavó, minha segunda mãe, pois sem eles não seria possível esta vitória. Pelo amor incondicional, por todos os esforços, incentivos e depósito de confiança que me transmitiram e que me permitiram crescer em todos os sentidos.

À minha irmã, por ser para mim uma referência pela pessoa que é, pelo seu apoio, incentivos e por me dar sempre a mão na hora certa... o meu pilar, o meu suporte. Obrigado, sem ti não tinha conseguido!

Ao meu afilhado Duarte, a outra metade de mim, pelo seu olhar terno e por todos os seus sorrisos que me apaziguaram nos momentos mais difíceis deste percurso e que me fizeram acreditar que tudo é possível.

A toda a minha família por todo o amor que me transmitiu.

Às minhas Psi's, Aninha, Bá e Fi, por preencherem na plenitude os espaços que só a amizade genuína consegue preencher e sem as quais esta etapa teria sido mais difícil de ultrapassar.

À Marisa e à Kel, pela amizade autêntica e sem as quais a vida ficaria vazia de sentido, por serem as ouvintes dos meus "stress", pelas palavras de encorajamento e por todas as risotas juntas.

À Joana e à Andreia, pela amizade e ausências constantes. Por abrirem espaço para conversas intermináveis, recheadas de reflexões e de crescimento.

Às minhas colegas de Mestrado, Marina, Rita e Lipa, pela colaboração no desenvolvimento desta dissertação e pelos momentos repletos de discussões à volta da Psicologia Forense.

Ao Pedro, por tudo o que representa na minha vida e por se manter sempre ao meu lado em todos os momentos. Por nunca me ter deixado desesperar nos momentos mais difíceis, pela dedicação incondicional e pelo entusiasmo com que vive cada projeto meu.

Índice

I. Enquadramento conceptual	2
1. A criança como testemunha: as questões de precisão e credibilidade.....	2
2. Entrevista forense	3
2.1 Protocolo de Entrevista do NICHD (<i>National Institute of Child Health and Human Development</i>	4
2.1.1 A pré-entrevista	5
2.1.2 Fase da entrevista	5
3.Sugestionabilidade Interrogativa	8
3.1 O conceito de sugestibilidade interrogativa	9
3.1.1 Fatores Externos	10
3.1.2 Fatores Internos	11
II. Objetivos	13
III. Metodologia	14
1.Amostra	14
2.Instrumentos	16
2.1 Questionário Sociodemográfico	16
2.2 Vídeo - “Slogan: Helping”	16
2.3 Entrevista do Protocolo do NICHD	17
2.3.1 Lista de questões fechadas	17
3.Procedimentos	18
IV. Resultados	19
V. Discussão dos Resultado.....	28
VI. Conclusões	33
Bibliografia	35
Anexos	44

Introdução

Atualmente é usual as crianças serem confrontadas com o sistema de justiça (Flin & Spencer, 1995; Wiley et al., 2006) que, para a maioria, é um espaço completamente desconhecido e intimidante. De acordo com Kulkofsky e Klemfuss (2008) o número de crianças no contexto da justiça proliferou exponencialmente desde 1970. Este envolvimento, e toda a sintomatologia que lhe está subjacente (Alberto, 2006), tem impulsionado investigações neste domínio, que visam desenvolver métodos científicos para tornar este contacto mais produtivo e menos doloroso. Como esclarece Ribeiro (2009, p.9) *o envolvimento de uma criança num processo judicial não tem de ser necessariamente uma experiência negativa ou traumática (embora o seja muitas vezes), mas é sempre uma experiência exigente para a criança, do ponto de vista emocional e cognitivo, e assim exige de todos nós, adultos [...], o desenvolvimento de medidas que minimizem o seu eventual impacto negativo e o risco de vitimização secundária.*

Dezwirek-Sas (1992) e Fivush, Peterson e Schwarzmuller (2002) advertiram para as consequências nefastas deste envolvimento precoce, destacando as dificuldades emocionais provocadas pelas entrevistas efetuadas por pessoas diferentes ao longo do processo, fazendo delas, reiteradamente, vítimas (Ribeiro, 2009).

Foi na década de 80 que o testemunho das crianças ganhou um interesse dramático com a mediatização cada vez mais expressiva da criminalidade sexual contra as crianças (Ceci & Bruck, 1993; Poole & Lamb, 1998; Ribeiro, 2009) e com as mudanças sociais e culturais vigentes na época (Cunha, 2010). No entanto, no âmbito da credibilidade da criança ou da veracidade dos seus relatos, apesar dos progressos alcançados neste campo, há ainda muitas questões em aberto, para as quais não existem respostas claras (Alberto, 2006). A importância do testemunho de criança enquanto meio probatório é extremamente sensível e controversa, ocupando um lugar central na investigação do abuso sexual (Ribeiro, 2009), visto que têm surgido algumas dúvidas nos profissionais de Direito e Psicologia no que toca à credibilidade dos testemunhos dados por crianças ou adolescentes (Faller, 2007; Holliday, Brainerd, & Reyna, 2008; Leander, 2010; Luus & Wells, 1992; Price & Roberts, 2011; Zajac, 2009).

Para Pipe e Salmon (2002) as crianças diferem umas das outras na forma como recordam e contam as suas experiências passadas, pois enquanto que há crianças que fornecem relatos completos, outras tendem a nem sequer falar. A forma como os adultos comunicam com as crianças no seu dia-a-dia, esperando respostas breves e superficiais, influencia a existência e a qualidade dos relatos das mesmas (Poole & Lindsay, 2002; Sternberg, et al., 2002; Zajac, 2009).

No que respeita à estrutura da dissertação e tendo em conta que a participação das crianças no processo judicial tem sido cada vez mais objeto de reflexão e discussão por parte dos profissionais e da comunidade científica, a primeira parte focar-se-á na criança enquanto testemunha, isto é, na precisão e na credibilidade dos seus depoimentos. Abordar-se-ão as questões relacionadas com a Entrevista Forense, referenciando o Protocolo

de Entrevista do NICHD, apresentando as linhas orientadoras deste método testado em contexto forense que procura a obtenção de informações relevantes do ponto de vista da “prova”, prestadas por crianças presumíveis vítimas de abuso sexual. Será ainda abordada a influência de determinadas práticas presentes no questionamento de testemunhas, com o recurso a perguntas fechadas e sugestivas.

Na segunda parte será apresentado o estudo empírico desenvolvido, com a definição dos Objetivos, Hipóteses de investigação e Metodologia utilizada descrevendo os instrumentos, a amostra e os procedimentos adotados. O tratamento estatístico permitiu coligir as informações apresentadas nos Resultados, cujo teor é analisado na Discussão com integração dos dados com a literatura e avançando algumas implicações teóricas e práticas.

I – Enquadramento conceptual

1. A criança como testemunha: as questões de precisão e credibilidade

Atualmente, a participação das crianças no processo judicial tem sido cada vez mais objeto de reflexão e discussão por parte dos profissionais e da comunidade científica. O aumento de casos de abuso sexual conhecidos e a sua relevância na sociedade, conduz a um número crescente de investigações em torno das características que podem influenciar a precisão e a validade dos relatos de eventos passados (Alberto, 2006; Conti, 1999; Chae & Ceci, 2005; Holliday, Brainerd, & Reyna, 2008; Poole & Lamb, 1998; Ribeiro, 2009). Antes dos anos 80 considerava-se que os testemunhos das crianças eram imprecisos, incompletos e fragmentados (Holliday, Brainerd, & Reyna, 2008). As crianças eram encaradas como incompetentes, argumentando-se a incapacidade destas para distinguirem entre realidade e fantasia, de discernirem entre o real e o fabricado. De acordo com Lyon (1999) a sociedade acreditava que as crianças eram mais propensas a mentir e mais sugestionáveis às influências dos adultos, o que colocava em causa a credibilidade dos seus depoimentos. Para Poole e White (1993) a própria visão dos psicólogos e investigadores acerca da (in)capacidade da criança para testemunhar sobre acontecimentos da sua vida tem vindo a modificar-se. Deixaram de ser vistas como as mais perigosas de todas as testemunhas, para serem percebidas como altamente influenciadas por pressões sociais e pela sugestão, até serem então consideradas como capazes de fornecer relatos precisos e válidos sobre acontecimentos do seu passado (Howitt, 2006).

Segundo Van Koppen (2008), avaliar se uma criança foi ou não vítima de abuso sexual é uma das tarefas mais complexas, em que distinguir entre acusações falsas e verdadeiras em delitos sexuais é uma tarefa árdua (Sterberg et al., 2002). É ainda mais complexo quando a vítima é uma criança, porque fatores como fantasia, linguagem, memória, sugestibilidade e até a coação podem afetar o seu depoimento (Lamb et al., 2000). Algumas pesquisas (Wiley et al., 2006) mostram que as crianças tendem a omitir

informação sexual ou negam ter vivido actos sexuais, mesmo quando há evidência em contrário; particularmente as crianças expostas a abusos graves e duradouros parecem menos propensos a divulgar o abuso (Hershkowitz et al, 2007). É neste contexto de dúvida e incerteza que o papel do psicólogo forense assume particular importância e a entrevista forense surge frequentemente como o único recurso válido e suscetível de por em prática (Poole & Lindsay, 2002). Cabe ao psicólogo através de modelos conceptuais e empíricos ajudar a validar, ou não, um relato de abuso sexual (Conti, 1999).

2. A Entrevista Forense

A investigação em torno de como entrevistar crianças tem proliferado à medida que têm aumentado as denúncias de possíveis abusos sexuais (Flin & Spencer, 1995; Manzanero, 2001; Pipe et al., 2004). Apesar das tecnologias de apoio ao diagnóstico médico serem mais desenvolvidas e da existência de outras técnicas forenses sofisticadas, a falta de evidências físicas claras e a não confissão do ofensor tornam necessário centrar a investigação em torno da vítima e do seu testemunho (Magalhães & Ribeiro, 2007). Sternberg et al. (2002) esclarecem que o abuso sexual de crianças é um crime que, pela sua natureza, raramente é testemunhado por outras pessoas, além do agressor e da vítima (Bruck, Ceci, & Hembrooke, 1998). Como menciona Guerra (Carmo, Alberto, & Guerra, 2002, p. 39), *acaba por remeter a teia judiciária para um processo de avanços e retrocessos, muitas vezes sem rede de fundo que ampare uma convicção*, na medida em que algumas vezes se defende a possibilidade de falsas acusações das crianças (Steller & Boychuck, 1992).

O estilo inquisitivo e intimidador da entrevista policial que caracterizava as práticas de entrevista na década de 80 do século XX (Drake et al., 2008; Lamb & Poole 1998) mostrou-se inadequado e contraproducente em crianças/adolescentes. O reconhecimento cada vez maior da necessidade de tratamento especial da criança durante um processo de investigação com fins judiciais e a necessidade de o centrar nesta, impulsionou a urgência de se compreender como rentabilizar as evocações e relatos das crianças/adolescentes sem provocar mais dano ou sugestionar, pondo assim em causa a precisão e a validade dos seus relatos que são frequentemente “a prova”. Começaram, assim, a desenvolver-se protocolos e linhas orientadoras de entrevista destinadas a vítimas de abuso sexual, e a outras testemunhas especialmente vulneráveis, com vista a aumentar a exatidão das informações dadas e atenuar as condições que promovam o erro e a sugestão (Bruck & Ceci, 1999; Buck, London, & Wrigh, 2011; Butchart et al., 2009; Ceci & Bruck, 1993; Lamb & Garretson, 2003; Lamb et al., 2008; Lamb & Larsson, 2009; Pipe et al., 2004; Poole & Lamb, 1998; Price & Roberts, 2011; Sternberg, et al., 2002; Warren, Hulse-Trotter, & Tubbs, 1991; Wiley et al., 2006; Zajac, 2009).

Para Lamb et al. (2008) e Lamb e Larson (2009) é possível obter informações valiosas e exatas a partir dos relatos das crianças se os procedimentos do questionamento forem cuidadosos e adequadas às suas capacidades desenvolvimentais. É de mencionar que para Zajac (2009) e Lamb et al. (2008) a qualidade da evocação dada pela criança depende mais

do entrevistador e das condições da entrevista do que propriamente das características individuais da criança. Apesar do desenvolvimento das crianças ao nível da memória, da cognição e das habilidades de comunicação, as informações prestadas por elas são mediadas pela prática do questionamento utilizado pelos entrevistadores: *as crianças podem ser surpreendentemente exatas ou alarmantemente inexatas, dependendo das estratégias de entrevista escolhidas pelos adultos* (Steward & Steward, 1996, cit in Poole & Lindsay, 2002, p 36). Aldridge (1992) corrobora este facto, chamando a atenção para os resultados obtidos em várias pesquisas que indicam que as técnicas de entrevista são a maior fonte de distorção de informação. Perante isto, é imperioso que os estilos e estratégias das entrevistas possam ser ajustados (Foley & Johnson, 1985; Kassin et al., 2010; Poole & Lamb, 1998; Sternberg et al., 2002).

Quanto aos métodos expressos na literatura e que podem ser utilizados como um auxílio da entrevista forense, vários autores e organizações, como Poole & Lamb (1998) e o *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD), defendem que o desenho e as bonecas anatomicamente corretas só devem ser usadas com cuidado e como mero auxílio na recolha de informações mais detalhadas apenas depois de a criança ter descrito o alegado abuso, ou seja, na fase final da entrevista. De qualquer forma, os autores defendem que não são recursos promissores e por isso devem ser evitados.

A mais recente pesquisa acerca das técnicas de entrevista forense para testemunhas vulneráveis, particularmente as crianças/adolescentes, centra-se no Protocolo de Entrevista do NICHD, um protocolo estruturado, contemplando uma série de linhas orientadoras e de fases de entrevista que promovem o aumento da qualidade da informação exata prestada pelas crianças, tentando reduzir o efeito de sugestão (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998; Price & Roberts, 2011).

2.1 Protocolo de Entrevista do NICHD

O Protocolo de Entrevista do NICHD é o resultado de um estudo aprofundado de Michael Lamb e seus colaboradores ao longo de 20 anos sobre o envolvimento das crianças no sistema de justiça. O propósito da pesquisa é o de aceder a um método estruturado e testado em contexto forense, com fundamentação e validação empírica, que permita a obtenção de informações relevantes do ponto de vista forense prestadas por crianças presumíveis vítimas de abuso sexual, no âmbito de um processo penal. Este Protocolo, para além das dimensões cognitivas, valoriza a vertente emocional, as dinâmicas psicológicas e a sua relação com as recordações (Ribeiro, 2009), pretendendo potenciar a capacidade de evocação mnésica e narrativa das crianças, sem proceder a métodos de carácter sugestivo (Lamb et al., 2008; Lamb & Orbach, 2002; Lamb & Teoh, 2010; Poole & Lamb, 1998; Sternberg et al., 2002; Thoresen, et al., 2006).

O protocolo do NICHD tem sido identificado na literatura como um bom recurso de recolha de informação de carácter judicial junto de crianças, na medida em que a sua aplicação tem demonstrado ganhos significativos na qualidade dos relatos obtidos durante as entrevistas que seguem as

orientações de Michael Lamb e colaboradores. Neste protocolo dá-se particular atenção à preparação prévia da entrevista, integrando duas fases: a fase da pré-entrevista e a entrevista propriamente dita.

2.1.1 A pré-entrevista

A pré-entrevista tem como principal objetivo planear e preparar a entrevista. Esta preparação é essencial visto que alguns autores defendem que a primeira entrevista é sempre a mais exata (Lamb et al., 2008; Lanning, 2002; Poole & Lamb, 1998). Num primeiro momento o entrevistador terá de recolher informações acerca da criança que vai entrevistar, nomeadamente acerca das dinâmicas familiares, dados demográficos, rotinas, pessoas com quem a criança contacta, informações médicas, informação sobre o vocabulário a que família recorre para designar órgãos genitais, educação sexual na escola, possíveis motivos para falsas alegações, entre outros aspetos (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998). Nesta fase do processo alerta-se e solicita-se aos familiares e/ou pessoas mais próximas da criança para não conversarem com ela acerca das alegações, evitando assim possíveis efeitos da sugestão por incorporação de informação ou coação/ameaça. Wilson e Powell (2001) defendem que as piores entrevistas são as que não foram preparadas adequadamente.

A sala onde vai decorrer a entrevista deve ser preparada para que nada possa desviar a atenção da criança, promovendo apenas uma esfera relaxada, encorajadora, arejada e privada de interrupções (Alberto, 2006; Lamb, et al., 2008; Wilson & Powell, 2001), de forma a maximizar a capacidade das crianças para conversar sem distração ou intimidação. O sistema de vídeo montado no local da entrevista é imprescindível, uma vez que o registo escrito poderá não ser suficiente, e permite conferir se o profissional interpretou algum dado a partir do que foi descrito, adulterando o relato. Não menos importante, o entrevistador não consegue captar simultaneamente os comportamentos verbais e não-verbais da criança, que são relevantes para a investigação. Assim a entrevista ficará disponível durante todo o processo, ao invés de se repetir constantemente para uma eventual clarificação de algum ponto (Kent, 1992; Lamb, et al., 2008; Poole & Lamb, 1998; Wilson & Powell, 2001), salvaguardando a criança da exposição e inquirições sucessivas em tribunal (Dezwirek-Sas, 1992).

2.1.2 Fase da entrevista

A entrevista inicia-se com um período destinado ao estabelecimento da relação entre o entrevistador e a criança, através de uma narrativa aberta e onde se apresenta o *setting* (Lamb, et al., 2008; Poole & Lamb, 1998). Esta construção de um espaço relacional é de extrema importância, visto que certas crianças podem apresentar dificuldades em confiar nos outros. Poderá ser permitida a presença de uma figura de apoio durante a entrevista, no entanto, esta é informada de que não pode intervir ou interromper o discurso da criança ao longo da sessão (Wilson & Powell, 2001). A figura de apoio é abrangida pela câmara de vídeo, certificando-se assim que esta não exerceu qualquer tipo de influência no discurso da criança (Poole & Lamb, 1998). Alberto (2006) defende que não deve estar presente esta figura de suporte, a

menos que seja um profissional de assessoria ao tribunal com formação na área. Nunca se deve aceitar um familiar, vizinho ou alguém da rede informal da criança, uma vez que a sua presença pode ter como objetivo “controlar” o que a criança relata.

Numa fase pré-substantiva, o entrevistador deve explicar à criança os objetivos e as regras básicas da entrevista (Lamb et al., 2008; Lamb & Teoh, 2010; Poole & Lamb, 1998). A *Cerimónia da verdade e mentira* permite avaliar se a criança tem ou não capacidade para distinguir de forma concreta a verdade e a mentira, esclarecendo a importância de a criança dizer sempre a verdade naquela entrevista (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998; Sternberg et al., 2002). A precisão das evocações das crianças não pode ser apenas relacionada com a sua compreensão do significado de mentira, porém um estudo recente de Lyon e Dorado (2008, in Lamb & Teoh, 2010) concluiu que esta cerimónia aumenta as informações exatas, sem aumentar as falsas.

Posteriormente, apresenta-se à criança uma série de regras (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998), designadamente: a) o direito e o dever de dizer *não sei*; b) o direito e o dever da criança dizer *não percebi*. Quando não percebem alguma coisa durante a entrevista, as crianças mostram relutância em o fazer (Poole & White, 1995). Memon e Vartoukian (1996) examinaram este efeito e constataram que as crianças a quem eram dadas as instruções anteriores, eram mais propensas a usá-las. Zajac (2009) verificou que as crianças, mesmo quando não percebem uma questão, tendem a não pedir para a clarificar, mas dão respostas que pensam ser as mais desejáveis e que o entrevistador espera ouvir; c) o direito e dever de corrigir o entrevistador quando este fornece informações incorretas (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998; Poole & Lindsay, 2002).

A etapa seguinte do protocolo consta de um exercício de narrativa livre sobre situações inócuas (os seus gostos, interesses, etc...), e pede-se à criança que descreva tudo do que se lembre acerca de um evento recente vivido por ela (Buck, London & Wrigh, 2011; Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998), permitindo a continuação do estabelecimento da relação, mas também uma compreensão mais aprofundada das competências linguísticas e do vocabulário da criança (Lamb & Teoh, 2010; Steller & Boychuck, 1992).

Entretanto, introduz-se o motivo da entrevista. De acordo com Poole e Lamb (1998), apesar de muitas crianças saberem a razão da entrevista, nem sempre é possível passar para a fase da narrativa livre. O entrevistador deve, no entanto, evitar passar a ideia de que já sabe muita coisa sobre o que aconteceu (Buck, London, & Wrigh, 2011; Poole & Lamb, 1998), pois a criança pode precisar de algum tempo para se habituar à ideia de ser entrevistada (Wilson & Powell, 2001). De acordo com Alberto (2006), adotando a conceção do abuso sexual como um mundo de segredos, a criança pode sentir dificuldade na comunicação sobre a experiência abusiva, precisando da ajuda do entrevistador para o fazer (Lamb et al., 2008), uma vez que as construções das narrativas das crianças são influenciadas e limitadas pelos discursos sociais em torno do abuso (Bruck Ceci & Hembrooke, 1998; Machado & Gonçalves, 1999).

É fundamental dar tempo à criança para fazer uma narrativa livre

do(s) evento(s), respeitando as suas pausas. Há crianças que exibem dificuldade em dialogar fluidamente e de forma estruturada (Alberto, 2006), necessitando de um tempo para pensar e organizar o seu discurso/pensamento (Lindberg et al., 2003; Poole & Lamb, 1998). Pode ser difícil incentivar uma criança a falar livremente sobre algo que não quer pronunciar (Lamb et al., 2008), mas o entrevistador deve comunicar-lhe a importância de fornecer relatos completos, detalhados e exatos (Poole & Lindsay, 2002).

Lamb et al., (2008) e Poole e White (1991) realçam que há um aumento da informação disponibilizada pela criança, não só a nível de quantidade mas também na qualidade, quando se recorre à narrativa livre, ao invés de um questionamento afunilado/fechado. De acordo com Wilson e Powell (2001), o recurso à narrativa livre previne o risco do entrevistador fazer suposições ou assumir uma resposta particular, estimulando relatos mais precisos.

A fase da clarificação da informação é a parte mais estruturada de toda a entrevista em que o entrevistador, através de questões abertas e recorrendo ao vocabulário utilizado pela criança na narrativa livre, tenta clarificar e aprofundar as informações prestadas (Lamb, et al., 2008; Lamb & Orbach, 2002; Poole & Lamb, 1998). Pode ser necessário colocar questões fechadas, mas alguns investigadores recomendam apenas a utilização de questões de tipo sim/não e relativamente aos detalhes que a criança já referiu (Dent, 1992; Poole & Lamb, 1998; Poole & Lindsay, 1998; Wilson & Powell, 2001). O entrevistador deve evitar a repetição de questões já respondidas pela criança, não deve solicitar-lhe que “imagine” e introduzir informações que não foram previamente proferidas por ela na entrevista (Bruck, London, & Wrigh, 2011). Poole e Lamb (1998) alertam ainda para dois estilos de comunicação que devem ser evitados nas entrevistas com crianças: falar com elas como se fossem adultos ou adotando uma linguagem infantilizada. Esta é a fase mais sensível e perigosa no que se refere ao efeito da sugestão. O entrevistador deve prestar muita atenção aos comentários da criança quanto ao destino do agressor, pois este dado pode determinar quanta influência tem sido exercida sobre ela (Lamb et al., 2008; Pangborn, 2009; Poole & Lamb, 1998).

Quando já não é possível recolher mais informações junto da criança, passa-se à fase da conclusão da entrevista. Nesta etapa é introduzido um tópico neutro que não esteja relacionado com a suspeita para reduzir a tensão, sem fazer quaisquer tipos de comentários de apoio (Lamb et al., 2008; Poole & Lamb, 1998). Num contexto de entrevista forense, é esperado que o psicólogo assuma uma postura completamente distinta da que é considerada adequada noutros contextos de avaliação e de terapia (Lanning, 2002; Lindberg et al., 2003; Poole & Lamb, 1998). O entrevistador conclui a entrevista perguntando à criança se há alguma informação que queira partilhar e agradece-lhe a sua cooperação a longo da entrevista (Lamb, et al., 2008).

3. Sugestionabilidade Interrogativa

O estudo da sugestibilidade remonta a Alfred Binet com o lançamento da obra *La suggestibilité* no início do século XX e a Stern no final dos anos 30 (Ceci & Bruck, 1993). Desde o trabalho pioneiro de Binet, os pesquisadores têm conduzido diversos estudos com vista a identificar as variáveis que podem afetar o testemunho da criança (Ceci & Bruck, 1993), uma vez que a realidade vivida na época despertou a necessidade de se fazer avaliações mais fundamentadas e rigorosas dos testemunhos (Cunha, 2010). Mais tarde, Gudjonsson desenvolveu várias pesquisas sobre a sugestibilidade interrogativa, associando a vulnerabilidade da memória infantil aos efeitos da sugestibilidade (Scullin, Kanaya, & Ceci, 2002). Segundo Cunha (2010), é no final século XX que se assiste a um aumento considerável de investigações sobre a sugestibilidade interrogativa, devido a uma mudança significativa no campo do interesse do sistema judicial pelas memórias falsas e pelo modo como o questionamento utilizado pelos entrevistadores pode influenciar as declarações dadas pelas crianças (Bruck & Ceci, 1993; Bruck, Ceci, & Hembrooke, 1998; Faller, 2007; Pipe & Salmon, 2002; Sternberg et al., 2002; Roebbers, Gelhaar, & Schneider, 2004).

Bruck, Ceci e Melnyk (1997) destacam a inclusão das crianças em idade pré-escolar em processos judiciais, a abordagem a acontecimentos com importância pessoal e o aumento de técnicas sugestivas introduzidas pelo questionamento repetido, como as principais razões para o incremento do interesse científico sobre a questão em análise. Ora, no contexto judicial e particularmente na área penal, a exatidão e a integridade dos relatos detêm uma importância crucial para o apuramento do sucedido (Costa & Pinho, 2010; Gudjonsson et al., 2008; Kassin & Gudjonsson, 2004; Melnyk, Crossman, & Scullin, 2007).

Nos casos de abuso sexual há, frequentemente, um longo intervalo de tempo entre o suposto abuso e a revelação do mesmo, o que levanta algumas dúvidas sobre a qualidade da reconstituição e evocação do acontecimento. Com isto, a memória torna-se uma peça fundamental na entrevista em contexto forense, porque é através dela que é feita a reconstituição do acontecimento sobre o qual se vai recolher a informação (Alberto, 2006). Todavia, a memória pode ser distorcida de inúmeras maneiras, com a sugestibilidade a atrair a atenção de vários investigadores nas últimas décadas, pois as falsas memórias podem ser implantadas através das questões colocadas durante a entrevista. Lamb et al., (2008) chamam a atenção para a existência de fatores que aumentam a recuperação da memória das crianças, enquanto outros limitam a competência destas para fornecerem descrições precisas, amplificando a probabilidade do erro (Chae & Ceci, 2006; Sporer, 1982).

Bruck e Melnyk (2004) propõem que a abordagem à sugestibilidade seja feita tendo por base quatro componentes diferenciados deste fenómeno: a sugestibilidade interrogativa, os efeitos da desinformação, os erros na monitorização da fonte de informação e a criação de falsos eventos. No entanto, o paradigma da desinformação assume-se como aquele que mais se tem destacado no âmbito da avaliação da credibilidade dos testemunhos em tribunal, promovendo uma compreensão mais ampla e aprofundada, não só

acerca das implicações do contexto e das técnicas de questionamento a que as testemunhas são submetidas (Loftus, Miller, & Burns, 1978; Loftus & Palmer, 1974), como também, no impacto das diferenças individuais no grau de sugestibilidade evidenciado por cada indivíduo (Gudjonsson & Clark, 1986, cit in Cunha, 2010).

3.1 O conceito de sugestibilidade interrogativa

Ao longo dos anos têm sido várias as concepções propostas para delimitar o conceito de sugestibilidade, o que se repercute na diversidade de paradigmas no estudo das falsas memórias e da sugestão mnésica (Costa & Pinho, 2010). No caso do testemunho das crianças interessa em particular a sugestibilidade interrogativa. Segundo, Cunha (2010, p. 84) *as tendências atuais tendem a encarar a sugestibilidade como um fenómeno multifacetado, que abarca diferenças individuais e também desenvolvimentais*.

Nos domínios de aplicação da investigação em memória humana, as definições mais tradicionais de sugestibilidade descrevem-na como o grau em que os indivíduos aceitam e incorporam informações pós-evento nas suas memórias. Para Gudjonsson e Clark (1986, cit in Costa & Pinho, 2010, p. 1) a sugestibilidade define-se como o grau de aceitação, por parte *das pessoas das mensagens difundidas durante um interrogatório formal que afetam, consequentemente, a sua resposta comportamental*.

Numa definição mais ampla, Ceci e Bruck (1993, cit in Faller, 2007 p.14) encaram a sugestibilidade como *o grau em que codificação, armazenamento, recuperação e comunicação de eventos podem ser influenciados por uma série de fatores internos e externos*. Acrescentam ainda que *fatores sociais e psicológicos influenciam a forma como os sujeitos codificam, retém e recuperam determinadas situações*. De acordo com Lyon (1999), a sugestibilidade infantil refere-se à falta de fidedignidade e precisão dos relatos das crianças face a acontecimentos experienciados ou por si testemunhados. A criança pode submeter-se conscientemente a pressões sociais, mentindo ou esforçando-se para agradar, por exemplo ao entrevistador (Chae & Ceci, 2006).

Gudjonsson e Clark em 1986 propuseram um modelo explicativo da sugestibilidade tendo por base o que acontece nos questionamentos policiais, considerados um dos contextos em que pode ser introduzida nova informação acerca de um evento anteriormente codificado e que é integrada posteriormente em recordações conscientes, constituindo uma fonte de inexatidão do testemunho. De acordo com este referencial teórico, existe uma maior probabilidade de haver distorção da recordação nos depoimentos quando um indivíduo é submetido a perguntas sugestivas e a feedback negativo. Postula ainda a existência de dois tipos de sugestibilidade: a tendência para ceder perante a sugestão (Cedência) e a tendência para alterar a resposta após um feedback negativo (Alteração) (Eisen, Winograd, & Qin, 2002; Drake, 2010; Neves, Pinho, & Faria, 2011; Powell et al., 2010; Waterman, Blades, & Spencer, 2001). A sugestibilidade interrogativa depende das estratégias a que o sujeito recorre para enfrentar a incerteza mas, também, das expectativas que acompanham um questionamento. O indivíduo apresenta uma maior predisposição à sugestibilidade quando

desconhece as respostas corretas às questões que lhe colocam, quando confia plenamente no entrevistador, ou ainda quando está convicto que se espera que ele seja capaz de recordar algum detalhe específico. Engloba assim, uma tendência para se ser enganado, acreditando que algo é verdadeiro ou dizendo que é verdade sem o ser, quando uma pessoa é submetida a um questionamento em que é apresentada informação falsa (que parece verdadeira) ou a pressão interpessoal para alterar uma resposta dada (Conti, 1999; Cunha, 2010).

A questão: *quais são os fatores responsáveis pelas diferenças individuais na resistência à sugestibilidade interrogativa*, tem conduzido a várias pesquisas. O fenómeno da sugestibilidade, dada a sua complexidade, deve ser sempre encarado como resultante de uma série de fatores, externos e internos que têm de ser integrados numa perspetiva de interação e de influência mútua, designadamente na Entrevista Forense (Cunha, 2010; Klaver, Lee, & Rose, 2008). Conhecer estas influências auxilia o profissional a preparar a entrevista de forma a maximizar a recuperação da informação memorizada, minimizando o risco do questionamento sugestivo que provoca distorções de memória (Chae & Ceci, 2006). Todavia, de acordo com Goodman e Schwartz-kenney (1992) a suscetibilidade para a sugestão pode não ser eliminada completamente. Fanetti & Boles (2004), Gardner (2003), Henry & Gudjonsson (2003), Lanning (2002), Poole & Lamb (1998) e Wiley et al. (2006) apontam as pressões sociais exercidas sobre as crianças, o intervalo de tempo decorrido entre o acontecimento e a entrevista, o contexto e os comentários feitos pelo entrevistador ao longo da entrevista, como fatores suscetíveis de influenciar a narrativa e a precisão dos relatos das crianças. Convém notar que estes fatores podem não afetar a memória das crianças, mas influenciar a qualidade da informação obtida no relato (Wiley et al., 2006).

3.1.1 Fatores Externos

Várias pesquisas mencionam a influência dos fatores externos relacionados diretamente com o entrevistador, como o *viés do entrevistador*. Quando o entrevistador possuiu convicções prévias, orienta a entrevista de forma a obter as respostas que são consistentes com aquilo que acredita ser verdadeiro (Ceci & Bruck, 1993), influenciando significativamente o modo como formula as questões, o que irá resultar numa diminuição significativa do grau de veracidade e exatidão das informações dadas pelas crianças, que vão tendencialmente ao encontro do viés introduzido (Bruck, Ceci, & Hembrooke 1998; Ceci & Bruck, 1993; Poole & Lindsay, 2002; Wilson & Powell, 2001). Pangborn (2009) afirma que o viés de entrevistador é a tentativa premente de reunir evidência confirmatória, evitando todas as vias que possam conduzir a evidências desconfirmatórias.

O estatuto do entrevistador é um outro fator passível de suggestionar os relatos das crianças, porque estas apresentam uma tendência para confiar em figuras adultas com estatuto de autoridade (Ceci et al., 1987; Holliday, Brainerd, & Reyna, 2008; Lamb & Garretson, 2003; Thompson et al., 1997; White et al., 1997). A *desejabilidade social* parece, também, ter efeito na vulnerabilidade à sugestão, pois segundo Ceci e Bruck (1993) as crianças

dão respostas concordantes com as expectativas que têm do entrevistador e não com o conhecimento que elas próprias têm sobre este. O *tom emocional* e a *postura do entrevistador*, visível pelas entoações e emocionais do entrevistador, podem ser responsáveis pelos resultados obtidos na entrevista (Ceci & Bruck, 1995; Poole & White, 1993).

O *tipo de questões* e a *repetição* sucessiva das mesmas pode contribuir para aumentar as distorções nas respostas das crianças. As questões sugestivas, dependendo da sua estrutura e conteúdos, podem ser de vários tipos: questões capciosas que contém informação falsa; questões afirmativas, que orientam para uma resposta afirmativa ou de aceitação, ou questões de resposta “forçada” que propõem duas alternativas de resposta em que nenhuma delas é verdadeira (Endres, 1997; Goofman & Reed, 1986). Vários autores têm defendido que a repetição de perguntas sugestivas leva a um maior grau de sugestibilidade, principalmente entre as crianças mais novas, pois estas acreditam que se o entrevistador está a repetir a questão é porque responderam erradamente (Ceci & Friedman, 2000; Warren Hulse-Trotter, & Tubbs, 1991).

3.1.2 Fatores Internos

Os fatores internos podem ser agrupados em três grandes categorias: a) fatores cognitivos; b) fatores psicossociais e c) fatores biológicos.

a) Fatores Cognitivos

Segundo Quas e Schaaf (2002), partindo da abordagem da sugestibilidade baseada na robustez do traço mnésico, considera-se que as recordações mais robustas seriam as mais resistentes perante informação proveniente de fontes exteriores. As recordações mais fracas seriam mais suscetíveis à informação enganadora pós-acontecimento (Chae & Ceci, 2006). O desempenho de crianças em tarefas de evocação guiada (através de pistas) será melhor preditor de sugestibilidade do que em evocação livre (Ceci & Bruck, 1993; Roebbers, Gelhaar, & Schneider, 2005).

Têm sido desenvolvidos estudos sobre a relação entre a inteligência e o grau de vulnerabilidade à sugestão, mas os resultados não têm sido consensuais. Alguns autores consideram que as crianças mais inteligentes serão as mais resistentes à sugestão (Chae, & Ceci, 2006; Eisen, Winograd, & Qin, 2002), uma vez que as crianças com níveis inferiores de inteligência, recorrem frequentemente a estratégias de *coping* mais rudimentares. De acordo com Dent (1992) a sugestibilidade está associada à incerteza que, por sua vez, está relacionada com a memória e esta encontra-se correlacionada positiva e significativamente com a inteligência. Os investigadores têm procurado investigar se a “teoria da mente”, ou seja, a capacidade cognitiva para perceber que duas pessoas são capazes de experimentar sentimentos, intenções ou crenças diferentes sobre o mundo, pode explicar ou não as diferenças individuais na sugestibilidade. Welch-Ross, Diecidue e Miller (1997) concluíram nos seus estudos sobre as “representações mentais discordantes” que, quando a criança considera erradamente as sugestões do entrevistador como se tratassem de experiências reais, são mais propensas a cometer erros.

Uma outra variável estudada é a capacidade de identificação e distinção das diferentes *fontes da informação* armazenadas na memória. O indivíduo pode confundir a memória adquirida na vivência de um acontecimento com aquela que foi construída a partir da sugestão ou imaginação (Chae & Ceci, 2006; Leichtman & Ceci, 1995; Poole & Lindsay, 1995). Assim, se as crianças não conseguirem discernir entre aquilo que viveram, observaram, ouviram, e o que imaginaram, existe uma maior probabilidade de sentirem dificuldades ao nível da distinção das fontes de informação, acreditando que é verdadeiro o que simplesmente imaginaram, ou lhes foi dito por terceiros. Nos contextos de entrevista recorre-se algumas vezes às técnicas de imaginação guiada, porém deve ser evitada para não criar confusão e, previsivelmente, distorção mnésica (Ceci & Bruck, 1993; Lindsay, 1993; Poole & Lindsay, 2002),

b) Fatores psicossociais

As questões relacionadas com a *ansiedade estado e ansiedade traço* têm sido alvo de debate no âmbito do estudo da sugestibilidade, uma vez que os contextos de interrogatórios são percebidos como de grande pressão social e emocional. Observa-se, segundo Cunha (2010), alguma discussão em torno deste fator, pois enquanto alguns autores consideram que o *stress* influencia no sentido da maior exatidão dos relatos e da resistência à sugestão, outros defendem completamente o contrário. E há ainda os que garantem a inexistência de qualquer relação entre ansiedade, memória e sugestibilidade (ver Cunha, 2010).

Certos autores (Chae & Ceci, 2005; Chae & Ceci, 2006; Shobe & Kihlstrom, 2002) indicam o *temperamento* como outro fator de influência, na medida em que se verificou que as crianças mais inibidas e mais relutantes em desobedecer às ordens dos adultos, por medo de serem reprovadas ou castigadas, tendem a ceder mais facilmente à sugestão.

A segurança parental, isto é, o *estilo de vinculação*, também tem sido estudada neste âmbito, chegando-se à conclusão que as crianças menos resistentes à sugestão são aquelas cujos pais mantêm um estilo parental de evitamento comparativamente com os que favorecem um vinculação segura.

c) Fatores Biológicos

A *idade* é um fator bastante discutido na literatura. A maior parte dos estudos apontam para níveis de sugestibilidade superiores em crianças em idade pré-escolar e vai diminuindo à medida que a idade aumenta (Ceci & Bruck, 1999; Lamb et al., 2008; List, 1986; Pipe & Salmon, 2002; Saywit & Lyon, 2002; Welch-Ross, Diecidue, & Miller, 1997; Wilson & Powell, 2001). Goodman e Schwartz-kenney (1992) explicam estes resultados pelas habilidades cognitivas mais desenvolvidas das crianças mais velhas. No entanto, outros estudos postulam que existe uma grande variedade nos detalhes e na exatidão do testemunho de crianças num mesmo grupo etário (Chae & Ceci, 2006; Costa & Pinho, 2010; Crossman, Scullin, & Melnyk, 2004). A investigação, face à possível relação entre a idade e a sugestibilidade, tem concluído que quando se pretende estudar a vulnerabilidade das crianças às sugestões falaciosas, não se pode analisar

esta variável isoladamente.

Já no que diz respeito às diferenças de *gênero* no grau de resistência à sugestão, as conclusões indicam que esta variável não parece ter um papel preponderante na vulnerabilidade à sugestão (Cunha, 2010; Gudjonsson, 1997, cit in Costa & Pinho, 2010).

Várias investigações têm-se debruçado ainda sobre o efeito das emoções no grau de vulnerabilidade à informação enganosa. Alguns estudos concluíram que as crianças são mais vulneráveis à informação enganosa quando se sentem tristes, mais do que quando estão felizes ou zangadas, por se sentirem menos motivadas para recuperar informação. A resistência à sugestão depende, segundo alguns autores, do estado emocional do indivíduo quando tenta recuperar informações da memória (ver Levine, Burgess, & Laney, 2008)

Numa última instância importa mencionar, como realçam Wilson e Powell (2001), que quanto maior for o número de fatores presente numa entrevista, maior é a probabilidade do testemunho da criança ser afetado.

II - Objetivos

Depois da contextualização teórica que fundamenta o estudo empírico, emerge a necessidade de estabelecer os objetivos da mesma. Este estudo integra uma investigação mais alargada, de âmbito nacional, de adaptação do Protocolo Flexível de Entrevista do *National Institute of Child Health and Human Development* (NICHD), para crianças e adolescentes da população portuguesa.

Os objetivos que orientaram este estudo foram:

- a) Averiguar a influência da condução da entrevista e do tipo de questionamento a nível da quantidade de informação exata, dos erros e informação confabulada dadas pelos participantes;
- b) Analisar a influência da idade na quantidade de informação exata, erros e confabulações relatadas na segunda entrevista.
- c) Estudar a influência da idade e do questionamento no grau de vulnerabilidade ao questionamento sugestivo.

Variáveis

As *Variáveis Dependentes* (VD) neste estudo são:

- a) Informação exata - os detalhes relatados que retratam a história visionada;
- b) Erros - informação incorreta (e.g. erros de perceção – a menina estava sentada na mesa);
- c) Confabulação - informação que não integrava a história visionada mas que era incorporada pela criança (e.g. a mãe ia a um casamento).

As *Variáveis Independentes* (VI) neste estudo são:

- a) Condição 1 - entrevista NICHD vs Condição 2 - entrevista NICHD seguida de lista de questões fechadas;
- b) Idade.

Com base nos objetivos propostos, colocaram-se como hipóteses:

H1: As crianças/adolescentes a quem foram colocadas questões fechadas (condição 2) fornecem, na evocação diferida, menos informação exata, mais erros e mais confabulações, comparativamente aos sujeitos a quem não foram colocadas questões fechadas (condição 1).

H2: Espera-se que a Idade e o Questionamento sejam variáveis preditoras da quantidade de informação exata, de erros e de confabulações na segunda entrevista.

H3: Nas questões fechadas espera-se que as crianças/adolescentes respondam tendencialmente com “sim” ou “não” mesmo quando não possuem informação suficiente para o fazer (a resposta correta é “não sei”), com os adolescentes a mostrarem menos influência do questionamento fechado, dando mais respostas “não sei” do que as crianças mais novas.

H4: Prevê-se que os participantes que foram sujeitos à lista de questões fechadas incorporem informação e a relatem na segunda entrevista, uma semana depois.

III – Metodologia

1. Amostra

Com vista a alcançar os objetivos estabelecidos recorreu-se a uma amostra de 120 crianças e adolescentes da população geral do distrito de Coimbra e Viseu, com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos de idade ($M=8,72$; $DP=3,988$), distribuídos por cinco faixas etárias, com 24 sujeitos cada¹ (ver Tabela 7, Anexo F).

Numa análise descritiva (ver Tabela 1), verifica-se que a amostra é constituída por 64 (53,3%) crianças/adolescentes do sexo feminino e 56 (46,7%) do sexo masculino. A escolaridade situa-se entre o pré-escolar e o 11º ano, constatando-se que é a idade pré-escolar que apresenta uma maior percentagem (31,7%), facto que é explicado pela existência de uma categoria etária que engloba apenas crianças com 4 anos de idade. O 11º ano de escolaridade é o que tem menor percentagem (3,3%).

Tabela 1. Caracterização da amostra das crianças e adolescentes a nível sociodemográfico (N=120)

	<i>n</i>	%	Média (<i>dp</i>)
Idade			8,72 (3,988)
4 anos	24	20%	
5-6 anos	24	20%	
7-9 anos	24	20%	
10-12 anos	24	20%	
13-16 anos	24	20%	

¹ Grupos etários (IC): 4 anos; 5-6 anos; 7-9 anos; 10-12 anos e 13-16 anos.

Género	Masculino	64	53,3%
	Feminino	56	46,7%
Escolaridade			
	pré-escolar	38	31,7%
	1º ano	11	9,2%
	2º ano	5	4,2%
	3º ano	10	8,3%
	4º ano	7	5,8%
	5º ano	7	5,8%
	6º ano	7	5,8%
	7º ano	11	9,2%
	9º ano	14	11,7%
	10º ano	6	5,0%
	11º ano	4	3,3%

Relativamente às características dos progenitores e, considerando as habitações literárias (ver Tabela 2), é no ensino superior que se observa uma menor frequência em ambos os progenitores, destacando-se um maior número de mães (n=10; 8,3%) com curso superior relativamente aos pais (n=4; 3,3%). O secundário aparece com maior percentagem entre as mães (40%) e o 3º ciclo e o secundário nos pais com as mesmas percentagens (26,7%). A nível profissional a maioria dos progenitores encontra-se empregado, ainda que nas mães se registem 12,5% de desempregadas e 10% são domésticas. É o sector do *peçoal de serviços e vendedores* que tem maior percentagem entre as mães (20,8%), seguido dos *trabalhadores não qualificados* (13,3%). Já nos pais é o sector dos *operários e artífices* que sobressai com uma maior percentagem (25,8%), aparecendo de seguida os *trabalhadores não qualificados* (16,7%).

Tabela 2. Caracterização da amostra quanto ao nível profissional e habilitações literárias dos progenitores.

		<i>n</i>	%	
Escolaridade Progenitores	Mãe	2º Ciclo	9	7,5%
		3º Ciclo	27	22,55
		Secundário	48	40%
		Ensino Superior	10	8,3%
	Pai	1º Ciclo	23	19,2%
		2º Ciclo	11	9,2%
		3º Ciclo	32	26,7%
		Secundário	32	26,7%
		Ensino Superior	4	3,3%
		Mãe	Dirigentes e quadros superiores	5
Especialistas – profissão intelectual e científica	7		5,8%	
Profissionais de nível médio	5		4,2%	

Profissão Progenitores	Pessoal administrativo	15	12,5%
	Pessoal de serviços e vendedores	25	20,8%
	Operários e artífices	7	5,8%
	Operadores de máquinas	2	1,7%
	Trabalhador não qualificado	16	13,3%
	Desempregado	15	12,5%
	Doméstica	12	10,0%
	Dirigentes e quadros superiores	11	9,2%
	Especialistas - profissão intelectual e científica	3	2,5%
	Profissionais de nível médio	7	5,8%
	Pessoal administrativo	6	5,0%
	Pessoal de serviços e vendedores	11	9,2%
	Agricultores e pesca	3	2,5%
	Operários e artífices	31	25,8%
	Operadores de máquinas	10	8,3%
	Trabalhador não qualificado	20	16,7%
	Desempregado	2	1,7%
	Reformado	1	0,8%

2. Instrumentos

2.1 Questionário Sociodemográfico

No sentido de alcançar alguns dos objetivos explicitados aplicou-se um questionário sociodemográfico para recolha de um conjunto de dados demográficos acerca dos participantes: idade, escolaridade das crianças, e habilitações literárias e situação profissional dos respetivos encarregados de educação (ver Anexo C).

2.2 Vídeo - “Slogan: Helping”²

O vídeo “Slogan: Helping”, com a duração de 30 segundos, reporta a uma campanha publicitária, em que num primeiro momento aparece uma menina sentada na banca da cozinha (1) a comer chocolate (2). Entretanto uma mulher chama-a (3), a criança larga o chocolate (4) e desce da banca (5). De seguida, a menina vai ter com a mulher ao corredor (6) com as mãos atrás das costas (7). A mulher aparece, baixa-se (8) e coloca-se de costas (9), pedindo à criança para lhe fechar o fecho do vestido de cor branca (10). A menina tenta correr o fecho (11), mas como não consegue, puxa o vestido da senhora (12), deixando neste marcas de chocolate (13). Finalmente a menina consegue puxar o fecho (14), a mulher vira-se para a criança e dá-lhe um beijo (15) e segue para a porta (16), virando-se novamente para a menina e

² A numeração presente na descrição do vídeo (de 1 a 19) reporta-se aos segmentos de informação utilizados para contabilizar a informação corretamente apresentada pelos participantes em ambas as evocações.

dizem adeus uma à outra (17). A criança sorri (18) e o vídeo finaliza com o aparecimento do *slogan* da publicidade (19) (ver Anexo E).

2.3 Entrevista do Protocolo do NICHD

A Entrevista usada consta do protocolo de Entrevista do NICHD (Lamb et al. 2008). Na fase pré-substantiva da entrevista deram-se instruções sobre as regras básicas, começando pela *Cerimónia da verdade e mentira*, onde os participantes tinham de responder a questões simples, sem se entrar na discussão teórica da questão moral do que é a verdade/mentira. Enfatizou-se a importância de se dizer sempre a verdade durante a entrevista. De seguida expuseram-se as outras regras: a) as crianças/adolescentes podiam e deviam dizer “não sei”, “não percebi” e de corrigir o entrevistador sempre que fosse necessário para o decurso adequado da entrevista.

A etapa seguinte passou por um exercício de narrativa livre episódica, onde se conversou com as crianças/adolescentes sobre os seus gostos e atividades, pedindo-lhes que descrevessem tudo o que se lembravam acerca de um evento inócuo recentemente vivido por eles (e.g. Carnaval), permitindo não só a continuação do estabelecimento da relação, como também uma compreensão mais aprofundada das suas competências linguísticas e exercitar o processo de evocação da memória.

Entretanto, introduzia-se a parte substantiva da entrevista, fase em que os participantes tinham um papel mais ativo, sendo solicitado para descreverem tudo aquilo que tinham visto no vídeo “Slogan: Helping” através da questão “Conta-me de tudo o que te lembras sobre o que aconteceu no vídeo que viste”.

Após a narrativa livre, passava-se a uma etapa mais estruturada, através da clarificação das informações prestadas, utilizando questões abertas e curtas, recorrendo ao vocabulário e à informação já dada pelas crianças/adolescentes.

Quando já não era possível recolher mais informação, preparava-se a fase da conclusão onde era perguntado aos participantes se havia alguma informação que queriam partilhar e agradecer-lhes a cooperação ao longo da entrevista, introduzindo na reta final um tópico neutro, que não estivesse relacionado com o vídeo apresentado (ver Anexo D).

2.3.1 Lista de questões fechadas

Neste estudo, a metade das crianças de cada faixa etária foi administrado um conjunto de vinte questões fechadas. A formulação destas questões teve por base os estudos sobre Sugestionabilidade desenvolvidos por Gudjonsson no início dos anos 80 (GSS1), sendo que as 5 questões apresentadas em itálico se reportam a informação que está presente no vídeo (verdadeiras) e as quinze restantes apresentam um conteúdo capcioso, visto que muitas delas têm informação errada e outras apresentam detalhes que não surgiram no vídeo.

1. *A menina estava a comer chocolate?*
2. A mulher tinha um ou dois filhos?
3. A carteira da mulher caiu no chão?

4. A mulher chamava-se Ana Silva?
5. *A mulher deu um beijo à menina antes de se ir embora?*
6. O irmão da menina estava a ver o que aconteceu, ou não?
7. A mulher deu uma palmada na menina, ou não?
8. A menina e a mulher deram um abraço uma à outra?
9. *A menina disse adeus à mulher?*
10. O pai da menina estava em casa?
11. A mulher tinha o cabelo pintado de cor de laranja?
12. A menina estava a ver televisão?
13. *O vestido da mulher tinha um fecho?*
14. A menina queria ir para a rua com a tia?
15. O cachorro da mulher estava a ladrar no corredor?
16. A mulher tinha acabado de tomar banho?
17. *A menina apertou o fecho da mulher no corredor?*
18. O pai da menina pô-la de castigo?
19. O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?
20. A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu que tinha o vestido sujo?

3. Procedimentos

Depois de contactadas várias instituições e obtidas as autorizações necessárias à realização do estudo, deu-se informação sobre o teor e o processo de pesquisa aos encarregados de educação das crianças e adolescentes (ver Anexo A). Os que aceitaram colaborar deram o seu consentimento e foram informados relativamente aos princípios da confidencialidade e anonimato (ver Anexo B).

Seguindo o guião de entrevista forense do NICHHD cada participante esteve presente em dois momentos, com um intervalo de uma semana entre ambos. A entrevista forense do NICHHD foi aplicada de acordo com 3 sentenças diferentes “Conta-me”, “Diz-me” e “Fala-me” na questão de solicitação da narrativa livre, cada uma aplicada a 40 crianças/adolescentes nos 2 momentos do desenho de investigação.

Momento 1

Depois de feita a apresentação e se ter iniciado o estabelecimento da relação, foi aplicado o questionário sociodemográfico. De seguida, mostrou-se o vídeo, com a duração de 30'. Após o visionamento foi administrada a entrevista do protocolo do NICHHD (*National Institute Of Child Health and Human Development: Protocolo Flexível de Entrevista* [Lamb et al, 2008]). As crianças e adolescentes que compõem a amostra total foram agrupados pelas duas condições (com e sem questionamento fechado) com 60 participantes cada, 12 por faixa etária. Na condição 1 as crianças/adolescentes tinham apenas a solicitação de narrativa livre e o questionamento aberto, enquanto na condição 2 eram submetidas a uma lista de questões fechadas acerca do vídeo, após a administração do protocolo do NICHHD.

Momento 2

Uma semana depois, as mesmas crianças/adolescentes foram entrevistadas novamente com recurso à entrevista do protocolo do NICHHD, mas sem visionamento do vídeo e sem o questionamento fechado da lista de questões da condição 2.

A primeira sessão (evocação imediata, com ou sem questionamento dirigido) teve uma duração média de 30 minutos e a segunda (evocação diferida, seguindo apenas o protocolo NICHHD) demorou um tempo médio de 15 minutos. Todas as entrevistas foram administradas de forma individual, num ambiente tranquilo, sem quaisquer objetos ou atividades que pudessem desviar a atenção e nas instituições onde se encontravam os sujeitos (e.g. infantário). As entrevistas dos dois momentos foram gravadas e posteriormente transcritas.

IV – Resultados

A apresentação da informação obtida no tratamento estatístico dos dados recolhidos e a discussão em torno da mesma, será organizada considerando as hipóteses da investigação apresentadas.

H1: As crianças/adolescentes a quem foram colocadas questões fechadas (condição 2) fornecem, na evocação diferida, menos informação exata, mais erros e mais confabulações, comparativamente aos sujeitos a quem não foram colocadas questões fechadas (condição 1).

Com o objetivo de comparar e averiguar a existência de diferenças entre o grupo da condição 1 e o da condição 2 nas médias das VDs em estudo³, procedeu-se ao cálculo do teste t-Student para amostras independentes (ver Tabela 3), tendo-se verificado o pressuposto da homogeneidade da variância (Teste de Levene > 0.05). A violação do pressuposto da normalidade (Teste de Kolmogorov-Smirnov < 0.05), não impediu o uso do teste-t, pois a dimensão suficientemente grande da amostra (n=120), permitiu a utilização deste teste paramétrico mais robusto (Maroco, 2007).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em todas as VDs em análise. Numa análise das médias obtidas pelos sujeitos em ambas as condições na quantidade de informação exata, verificou-se que os sujeitos pertencentes à condição 2 apresentaram mais informação exata na evocação diferida comparativamente ao grupo que não teve questões fechadas, porém esta diferença não é estatisticamente significativa [$t(118) = -1.017$; $p > .001$].

³ Foram analisadas apenas as narrativas dos participantes acerca da história do vídeo *Slogan: Helping* prestadas na segunda entrevista (evocação diferida), visto que na primeira entrevista as questões fechadas e capciosas foram introduzidas após o protocolo de entrevista NICHHD, não tendo assim qualquer efeito na quantidade de informação exata, nos erros e confabulações dadas pelas crianças e adolescentes na primeira entrevista.

No que concerne ao número de erros relatados durante a evocação diferida pelas crianças e adolescentes das condições analisadas (ver Tabela 8 e 9, Anexos G), constatou-se que os participantes da condição 1 apresentaram na evocação diferida um maior número de informação incorreta (erros) comparativamente aos da condição 2, porém esta diferença não é estatisticamente significativa [$t(118) = 0.713$; $p > .001$].

O mesmo acontece quanto às médias apresentadas nas confabulações dadas pelos participantes (ver Tabela 10 e 11, Anexos G); os sujeitos da condição 1 relataram em média mais confabulações comparativamente aos da condição 2, mas a diferença não é estatisticamente significativa [$t(118) = 0.282$; $p > .001$]. Assim, a H1 não foi confirmada.

Tabela 3. Médias e desvios-padrão da informação exata, erros e confabulações apresentadas na evocação diferida para cada uma das condições e teste t-student.

	Condição 1 (n=60)		Condição 2 (n=60)		$t(118)$	p	95% IC	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			<i>LL</i>	<i>UL</i>
Informação exata	5,02	2,813	5,50	2,376	-1,017	.311	-1,425	0,458
Erros	0,58	0,720	0,48	0,813	0,713	.477	-0,178	0,378
Confabulações	1,62	1,075	1,57	0,851	0,282	.778	-0,301	0,401

H2- Espera-se que a Idade e o Questionamento sejam variáveis preditoras da quantidade de informação exata, de erros e de confabulações na segunda entrevista.

Com o intuito de aprofundar a análise anterior, realizaram-se testes de regressão linear múltipla (método *enter*) com o propósito de averiguar se a Idade e/ou as Condições (com/sem questionamento fechado) predizem a quantidade de informação exata, erros e confabulações na evocação diferida, uma semana após o visionamento do vídeo *Slogan: Helping*.

Relativamente ao total da *informação exata* verificou-se que o modelo obtido (VIs Idade e Condições) explica 36,6% da variabilidade dos resultados (ver Tabela 12, Anexos H), obtendo um valor de Anova significativo [$F(2,117) = 35.365$; $p < .001$; $R_a^2 = .366$]. Esta análise identifica a variável Idade [$\beta = 1.113$; $t(117) = 8.313$; $p < .001$] como preditora da informação exata, ao contrário da condição com ou sem questionamento fechado que parece não predizer este tipo de informação [$\beta = .483$; $t(117) = 1.277$; $p > .001$].

A Idade aparece novamente como tendo um efeito significativo na predição da quantidade de *Confabulações* relatadas pelos sujeitos na evocação diferida [$\beta = .271$; $t(117) = 4.698$; $p < .001$]. Mais uma vez, a condição com/sem questionamento fechado não surge como variável preditora desta VD [$\beta = -.050$; $t(117) = -.307$; $p > .001$]. Dado o valor de R_a^2 [$F(2,117) = 11.084$; $p < .001$; $R_a^2 = .145$] a qualidade de ajustamento deste

modelo é de 14,5%, ou seja, este modelo explica que 14,5% da variância ficando 85,5% por explicar, remetendo para um modelo com fraca qualidade de ajustamento (ver Tabela 13, Anexos H).

Apurou-se ainda que a Idade e a Condição explicam apenas 5,3% da variabilidade total dos *erros* obtidos pelos participantes na evocação diferida [$F(2,117) = 4,351$; $p > .001$; $R_a^2 = .053$]. Nenhuma das variáveis surge como sendo preditora do número de erros, no entanto salienta-se uma maior influência da idade [$\beta = -.138$; $t(117) = -.2.857$; $p > .001$] comparativamente à condição com ou sem questionamento fechado [$\beta = -.100$; $t(117) = -.735$; $p > .001$] (ver Tabela 14, Anexos H).

Podemos então concluir que a Idade dos participantes, apresenta-se como a variável que mais influencia a quantidade e qualidade das informações prestadas acerca do vídeo uma semana após o seu visionamento e a evocação imediata, enquanto a condição com/sem questionamento fechado não parece predizer nenhuma VD.

No sentido de perceber a relação da Idade com o total de Informação Exata, total de Erros e total de Confabulações na segunda entrevista, realizou-se o coeficiente de Correlação de Pearson (ver Tabela 4).

Tabela 4- Coeficiente de Correlação de Pearson entre Idade, Informação Exata, Erros e Confabulações na 2ª entrevista (N=120)

	Idade	Informação Exata	Erros
Informação Exata	,553(**)		
Erros	-,239(**)	-,162	
Confabulações	,378(**)	,413(**)	-,033

** $p < .001$

Verifica-se que a Idade se correlaciona positivamente com a quantidade de Informação exata e as Confabulações, ou seja, aumentando a idade, aumenta a quantidade de informação exata e a informação confabulada presente no relato. Relativamente aos Erros, à medida que aumenta a idade diminuem os erros. Todavia, o coeficiente de correlação entre a Idade e os Erros e entre a Idade e as Confabulações é considerado fraco enquanto o coeficiente entre Idade e Informação exata é moderado (Dancey & Reidy, 2005, cit in Filho & Júnior, 2009).

H3: Nas questões fechadas espera-se que as crianças/adolescentes respondam tendencialmente com “sim” ou “não” mesmo quando não possuem informação suficiente para o fazer (a resposta correta é “não sei”), com os adolescentes a mostrarem menos influência do questionamento fechado, dando mais respostas “não sei” do que as crianças mais novas.

Através do teste do Qui-Quadrado por simulação de Monte Carlo (χ^2) procurou-se testar se os sujeitos da condição 2 diferem relativamente à

distribuição das respostas dadas às 20 questões fechadas e capciosas introduzidas na primeira entrevista nos cinco grupos etários⁴. Para isso, as respostas dadas pelos participantes foram categorizadas em *não*, *sim*, *não sei* e *não respondeu*⁵ (ver Tabela 6).

Observou-se que nas cinco questões que remetiam para detalhes presentes no vídeo, as distribuições das respostas por cada categoria de idade apresentam-se como estatisticamente diferentes ($p < .05$ e $p < .001$). Numa análise pormenorizada dos resultados, constatou-se que em todos os grupos etários, a maioria dos sujeitos respondeu corretamente (*Sim*) às cinco questões. Na questão *A menina estava a comer chocolate?* registaram-se diferenças significativas na distribuição das respostas dadas nos diversos grupos etários ($\chi^2(12) = 25.741$; $p = .000$), com duas crianças de 4 anos de idade que responderam *não* e uma do grupo etário dos 5-6 anos que respondeu *não sei* (ver Tabela 15, Anexos I).

Na questão *A mulher deu um beijo à menina antes de se ir embora?* verificou-se novamente a existência de diferenças estatisticamente significativas nas distribuições das respostas dadas nas cinco faixas etárias ($\chi^2(12) = 23.972$; $p = .011$). Apesar de em todas as categorias de idades a resposta *sim* ter sido a mais frequente, algumas crianças e adolescentes responderam que *não* à questão, sendo mais frequente na faixa etária dos participantes com 5-6 anos de idade. Houve dois casos de respostas *não sei* no grupo dos 10-12 anos de idade (ver Tabela 19, Anexos I).

Na questão *A menina disse adeus à mulher?* registaram-se diferenças significativas entre os grupos etários nas distribuições das respostas ($\chi^2(12) = 22.967$; $p = .020$). A partir dos 7 anos de idade a resposta mais frequente foi o *sim*, mas nos grupos das crianças mais novas houve o mesmo número de respostas *não* e *sim*. Houve um maior número de respostas *não sei* relativamente às anteriores, variando de uma a duas respostas deste género por faixa etária (ver Tabela 23, Anexos I).

Na questão *O vestido da mulher tinha um fecho?* surgiram diferenças significativas na distribuição das respostas pelos cinco grupos etários ($\chi^2(12) = 28.886$; $p = .000$). A partir dos 5 anos de idade a resposta mais frequente foi *sim*, observando-se no entanto respostas *não* na faixa dos 5-6 e 10-12 anos. Já nos participantes dos 4 anos registou-se um maior número de respostas *não* (ver Tabela 27, Anexos I).

Na última questão que remeteu para detalhes presentes no vídeo *A menina apertou o fecho da mulher no corredor?* obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas na distribuição das respostas pelas várias faixas etárias ($\chi^2(12) = 22.702$; $p = .023$), com um maior número de respostas *sim* nas faixas a partir dos 7 anos de idade comparativamente às anteriores. Enquanto no grupo dos 4 anos a distribuição das respostas entre o *sim* e *não*

⁴ Os resultados alcançados nas 5 questões que remetiam para detalhes presentes no vídeo e os resultados obtidos nas 15 questões de carácter sugestivo serão apresentados separadamente. Estas últimas serão ainda agrupadas em três classes: a); questões capciosas de escolha forçada cuja resposta correta é *não sei*, visto que os participantes através do vídeo não têm informação para responder afirmativa ou negativamente a estas perguntas; b) questões capciosas em que a resposta correta é *não*; c) questões capciosas sem resposta de escolha forçada, cuja resposta correta é *não sei*.

⁵ A frequência do *não respondeu* deve ao facto de três crianças com 4 anos de idade terem recusado responder às 20 questões fechadas colocadas na primeira entrevista.

é igualmente repartida, na faixa dos 5-6 anos de idade apenas se diferencia por um ponto. Registam-se respostas *não sei* em todas as faixas etárias, à exceção do grupo dos 10-12 anos de idade (ver Tabela 31, Anexos I).

Passando à análise das respostas às *questões capciosas* que exigiam uma escolha forçada por parte dos sujeitos e em que a resposta correta é *não sei*, não se registaram diferenças estatisticamente significativa na distribuição das respostas nos cinco grupos etários à primeira questão *A mulher tinha um ou dois filhos?* ($\chi^2(12)= 18.491$; $p=.062$), com a maioria dos participantes a responder que a mulher tinha dois filhos. De salientar que apenas uma criança (7-9 anos) e um adolescente (13-16 anos) responderam “*não sei*” (ver Tabela 16, Anexos I).

Nas outras duas questões de escolha forçada encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Na questão *O irmão da menina estava a ver o que aconteceu, ou não?* registaram-se respostas corretas (*não sei*) a partir dos 7-9 anos de idade, sendo mais frequentes nos dois grupos etários mais velhos ($\chi^2(12)= 26.292$; $p=.005$) (ver Tabela 20, Anexos I).

Na questão *A mulher deu uma palmada na menina, ou não?* houve diferenças significativas entre os grupos etários ($\chi^2(12)= 15.000$; $p=.048$), todavia não se registou nenhuma resposta *não sei* (ver Tabela 21, Anexos I).

Relativamente às questões capciosas em que a resposta correta seria *não*, vemos que todas elas se apresentaram como estatisticamente diferentes entre as várias categorias etárias. Na questão *A carteira da mulher caiu no chão*, verificou-se que a maioria dos sujeitos em todas as faixas etárias presentes respondeu corretamente, porém há algumas respostas incorretas ($\chi^2(12)= 31.229$; $p=.000$) nas faixas etárias dos 4, 5-6, 7-9 e 13-16 anos (ver Tabela 17, Anexos I).

Na questão *A menina e a mulher deram um abraço uma à outra?* surgiram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($\chi^2(12)= 23.518$; $p=.008$). Até aos 9 anos e no grupo dos 10-13 anos a resposta mais frequente foi *não*, porém nas restantes faixas observou-se um maior número de respostas *sim*. Houve apenas uma resposta *não sei* no grupo dos 5-6 anos de idade (ver Tabela 22, Anexos I).

Na questão *A mulher tinha o cabelo pintado de cor de laranja?* há diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(12)= 22.885$; $p=.011$) com a maioria a responder corretamente que *não*, mas com respostas *sim* até aos 9 anos e respostas *não sei* a partir dos 7-9 anos (ver Tabela 25, Anexos I).

Encontraram-se diferenças na distribuição das respostas pelos grupos etários na questão *O cachorro estava a ladrar no corredor?* ($\chi^2(12)= 25.133$; $p=.008$) com respostas *sim* na faixa mais nova (4 anos) e na mais velha (13-16 anos) e respostas *não sei* nos 7-9 anos (ver Tabela 29, Anexos H).

A última questão *O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?* obteve diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários ($\chi^2(12)= 24.083$; $p=.009$), com respostas *sim* nas crianças até aos 7-9 anos de idade (ver Tabela 33, Anexos I).

Nas questões capciosas sem escolha forçada em que a resposta correta é *não sei*, obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas em todas. Numa análise mais detalhada, na pergunta *A mulher chamava-se Ana Silva?*

na distribuição das respostas pelos grupos etários ($\chi^2(12)= 29.827$; $p=.002$) a maioria das crianças respondeu corretamente *não sei*, à exceção da faixa etária dos 5-6 anos de idade que respondeu maioritariamente *não*, e alguns responderam *sim*. As respostas *não sei* foram mais frequentes nas faixas etárias mais velhas (ver Tabela 18, Anexos I).

Na questão *O pai da menina estava em casa?* há diferenças estatisticamente significativas nas distribuições das respostas ($\chi^2(12)= 20.875$; $p=.36$), sendo que apenas a partir do grupo etário dos 7-9 anos se registaram respostas *não sei*. Todavia, a maioria respondeu *não* em todas as categorias etárias. Algumas crianças de três grupos etários distintos disseram que o pai da menina estava em casa (ver Tabela 24, Anexos I).

Na questão *A menina estava a ver televisão?* verificou-se igualmente a existência de diferenças significativas ($\chi^2(12)= 19.167$; $p=.054$), na medida em que apesar de em todas as faixas etárias a maioria ter respondido que *não*, houve dois participantes que responderam que *sim* e quatro que disseram *não sei* (ver Tabela 26, Anexos I).

A questão *A menina queria ir para a rua com a tia?* obteve igualmente diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(12)= 26.400$; $p=.002$), com a maioria dos sujeitos em todas as categorias de idade a responderem que *não*, uma criança de 4 anos de idade que respondeu que a menina queria ir com a tia e os sujeitos mais velhos, a partir dos 7-9 anos a responderam corretamente à questão dizendo *não sei* (ver Tabela 28, Anexos I).

Na questão *A mulher tinha acabado de tomar banho?* também se observam diferenças significativas ($\chi^2(12)= 7.827$; $p=.003$). Em todas as faixas a maioria das crianças respondeu que *sim*, à exceção da faixa dos 5-6 anos em que a frequência de respostas *sim* e *não* é igual. A resposta *não sei* foi a menos dada, começando a surgir apenas na faixa dos 7-9 anos de idade e foi aumentando com o avançar da idade (ver Tabela 30, Anexos I).

A questão *O pai da menina pô-la de castigo?* registou diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(12)= 19.694$; $p=.053$). Em todas as categorias de idades a resposta mais frequente foi *não*, mas a partir dos 7-9 anos surgem respostas *não sei*, com os 13-16 anos a registarem maior percentagem de respostas corretas (ver Tabela 32, Anexos I).

Na última questão *A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu que tinha o vestido sujo?* existem diferenças estatisticamente significativas ($\chi^2(12)= 27.393$; $p=.003$). Em todas as faixas etárias a maioria respondeu que *não* à questão, mas verificaram-se respostas *sim*. Na faixa dos 4 anos não se registam respostas *não sei*, que aparecem na faixa dos 5-6 anos; no entanto é no grupo dos 10-12 e 13-16 que este tipo de resposta é mais frequente (ver Tabela 34, Anexos I).

É perceptível que nas questões fechadas e capciosas os participantes mais novos tiveram mais dificuldade em responder *não sei*, verificando-se um aumento no número de respostas *não sei* com o aumento da idade (ver Tabela 6).

Tabela 6 – Frequências das respostas *sim*, *não*, *não sei* e *não respondeu* por cada grupo etário às 20 questões fechadas (5 questões verdadeiras e 15 capciosas)

	Idade	Não n	Sim n	Não sei n	Não respondeu n
Questões verdadeiras	4 anos	16	27	2	15
	5-6 anos	18	38	4	0
	7-9 anos	7	51	2	0
	10-12 anos	9	48	3	0
	13-16 anos	4	53	3	0
Questões capciosas (Resposta correta é <i>Não</i>)	4 anos	29	16	0	15
	5-6 anos	50	7	3	0
	7-9 anos	41	16	3	0
	10-12 anos	46	8	6	0
	13-14 anos	46	6	8	0
Questões capciosas (Resposta correta é <i>Não sei</i>)	4 anos	57	29	4	30
	5-6 anos	89	25	6	0
	7-9 anos	75	24	21	0
	10-12 anos	77	21	22	0
	13-14 anos	73	15	32	0

Para complementar o estudo anterior procedeu-se a uma análise descritiva das frequências e percentagens registadas nas respostas *sim*, *não* e *não sei* dadas pelos 60 sujeitos da condição 2 a cada uma das questões fechadas (ver Tabela 7). Numa primeira instância, importa salientar que a percentagem de 5% em todas as questões *não respondeu*, deve-se ao facto de três crianças de 4 anos de idade se terem recusado a responder a qualquer uma das 20 questões colocadas.

Nas cinco questões não sugestivas, que remetiam para detalhes presentes na história apresentada do vídeo⁶, a maioria dos participantes respondeu corretamente às questões. A primeira questão foi a que registou uma percentagem maior de respostas corretas (90%), cujo conteúdo foi dos mais referidos durante a evocação imediata e diferida. Todavia, alguns participantes responderam erradamente às perguntas (*não*), principalmente na questão *A menina disse adeus à mulher* com 26,6% de respostas erradas.

Relativamente às questões capciosas de escolha forçada onde a resposta correta é *não sei*⁷, verifica-se uma percentagem diminuta de respostas corretas, realçando-se a questão 7 onde não houve nenhuma resposta *não sei*.

A maioria das crianças e adolescentes assumiu a existência de um grau de parentesco entre a mulher e a menina (mãe e filha), sendo isto perceptível nas narrativas acerca do vídeo na evocação imediata e diferida, como também nas respostas dadas à questão 2.

Nas questões em que a resposta correta é *não sei* mas que não eram de

⁶Questões 1, 5, 9, 13 e 17.

⁷Questões 2, 6, e 7.

escolha forçada⁸, vemos que foram precisamente as respostas corretas que reuniram percentagens mais baixas, pois a maioria dos sujeitos respondeu afirmativa ou negativamente às questões, mesmo não tendo informação suficiente para o fazer. A questão *A mulher chamava-se Ana Silva* registou uma maior frequência de respostas corretas (58,4%), mas nas restantes questões as percentagens das respostas *não sei* foram bastantes baixas.

Já nas questões onde a resposta correta seria *não* e em que o conteúdo continuava a ser capcioso⁹, há percentagens mais elevadas em todas as questões na resposta correta (*não*). Porém, registam-se respostas *sim*, ou seja incorretas, a estas perguntas, nomeadamente na questão *A menina e a mulher deram um abraço uma à outra*, alcançando uma percentagem de 38,4%. Salienta-se que o conteúdo presente nesta questão foi um dos incorporados pelos sujeitos e trazidos posteriormente para a descrição do vídeo na segunda entrevista.

Tabela7 – Frequências e percentagens das respostas *sim*, *não*, *não sei* e não respondeu nas questões fechadas e capciosas

Questões	Não n (%)	Sim n (%)	Não sei n (%)	Não respondeu n (%)
1- A menina estava a comer chocolate?	2 (3,4%)	54 (90%)	1 (1,6%)	3 (5%)
2- A mulher tinha um ou dois filhos?	2 (3,4%)	53 (88,4%)	2 (3,4)	3 (5%)
3- A carteira da mulher caiu no chão?	37 (61,6%)	9 (15%)	11 (18,4%)	3 (5%)
4- A mulher chamava-se Ana Silva?	16 (26,6%)	6 (10%)	35 (58,4%)	3 (5%)
5- A mulher deu um beijo à menina antes de se ir embora?	14 (23,4%)	41 (68,4%)	2 (3,4)	3 (5%)
6- O irmão da menina estava a ver o que aconteceu ou não?	48 (80%)	4 (6,6%)	5 (8,4%)	3 (5%)
7- A mulher deu uma palmada na menina, ou não?	54 (90%)	3 (5%)	0	3 (5%)
8- A menina e a mulher deram um abraço uma à outra?	33 (58%)	23 (38,4%)	1 (1,6%)	3 (5%)
9- A menina disse adeus à mulher?	16 (26,6%)	34 (56,6%)	7 (11,6%)	3 (5%)
10- O pai da menina estava em casa?	48 (80%)	4 (6,6)	5 (8,4%)	3 (5%)

⁸ Questões 4, 10, 12, 14, 16, 18 e 20.

⁹ Questões 3, 8, 11, 15 e 19.

11- A mulher tinha o cabelo pintado de cor de laranja?	52 (86,6%)	3 (5%)	2 (3,4%)	3 (5%)
12- A menina estava a ver televisão?	51 (85%)	2 (3,4%)	4 (6,6%)	3 (5%)
13- O vestido da mulher tinha um fecho?	7 (11,6%)	50 (83,4%)	0	3 (5%)
14- A menina queria ir para a rua com a tia?	50 (83,4%)	1 (1,6%)	6 (10%)	3 (5%)
15- O cachorro da mulher estava a ladrar no corredor?	50 (83,4%)	3 (5)	4 (6,6%)	3 (5%)
16- A mulher tinha acabado de tomar banho?	18 (30%)	21 (30%)	8 (6,7%)	3 (5%)
17- A menina apertou o fecho da mulher no corredor?	15 (25%)	38 (31,7%)	4 (6,6%)	3 (5%)
18- O pai da menina pô-la de castigo?	49 (51,6%)	4 (6,6%)	4 (6,6%)	3 (5%)
19- O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?	40 (66,6%)	15 (25%)	2 (3,4%)	3 (5%)
20- A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu que tinha o vestido sujo?	35 (58,4%)	6 (10%)	16 (26,6%)	3 (5%)

H4: Prevê-se que os participantes que foram sujeitos à lista de questões fechadas incorporem informação e a relatem na segunda entrevista, uma semana depois.

Procedeu-se a uma análise detalhada do conteúdo das narrativas na evocação diferida das crianças e adolescentes sujeitos à condição 2 com o intuito de averiguar se incorporaram a informação presente nas questões fechadas no seu relato¹⁰.

Das 60 crianças e adolescentes sujeitos à condição 2, oito incorporaram informação capciosa integrante do questionamento fechado (ver Tabela 35, Anexos J). A maioria dos sujeitos incorporou apenas alguns detalhes presentes nas questões e não a informação na sua totalidade. Foram os participantes do género feminino (n=5) que mais incorporaram informação comparativamente aos rapazes (n=3). Registaram-se dois casos em cada grupo etário com incorporação, à exceção da faixa etária dos 10-12 anos de idade, que não relatou qualquer incorporação de informação

¹⁰ Apenas foi considerada incorporação de informação quando os participantes na evocação diferida apresentaram detalhes das 15 questões fechadas e de conteúdo capcioso que não tinham mencionado na evocação imediata. Isto porque, na primeira entrevista estas questões foram apenas introduzidas após os sujeitos terem descrito o acontecimento em evocação imediata.

sugestiva. Assistiu-se a uma maior incorporação de informação nos sujeitos com a solicitação “Conta-me” (n=5); na solicitação “Fala-me” houve 2 casos e apenas um sujeito na solicitação “Diz-me”.

Foram as últimas questões, mais do que as iniciais, que exerceram uma maior influência sobre a narrativa destes participantes. As questões 8 (*A mulher e a menina deram um abraço uma à outra?*) e 16 (*A mulher tinha acabado de tomar banho?*) foram referenciadas duas vezes cada uma. Já o conteúdo da questão 19 (*O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?*) foi incorporado por três participantes. Houve ainda alusão ao conteúdo presente nas questões 12 (*A menina estava a ver televisão?*) e 20 (*A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu o vestido sujo?*) (n=1).

Na questão *A mulher e a menina deram um abraço uma à outra?* houve participantes com 4 e 15 anos de idade que incorporam a informação apresentada na sua totalidade ([...] *deu um abraço.*/ [...] *deram um abraço*). O mesmo se sucede na questão *A mulher tinha acabado de tomar banho?* cujo conteúdo foi totalmente incorporado por dois sujeitos de 4 e 5 anos de idade (*A mãe estava a tomar banho.*/ *A mãe estava a tomar banho na casa de banho*). Na questão *A menina estava a ver televisão?* uma criança de 7 anos incorporou na totalidade a informação, relatando que viu *uma menina a comer chocolate e a ver televisão* [...].

Por sua vez, na questão *O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?* crianças de 7, 8 e 16 anos incorporaram a palavra “casaco” acrescentando novos detalhes ([...] *a mãe foi-se embora com um casaco de cor preto*) e novas ações ([...] *depois ela foi apertar o casaco.*/ [...] *apertalhe o casaco e despede-se da mãe*). Uma criança de 5 anos mencionou na evocação diferida informação proveniente da questão *A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu o vestido sujo* ao referir que “*a mãe ralhou*”.

V - Discussão dos resultados

Na generalidade, os resultados obtidos na presente investigação são consistente com a revisão e reflexão apresentada na literatura.

A primeira hipótese foi refutada, na medida em que contrariamente ao que seria esperado, não surgiram diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos da condição 1 e 2 na quantidade de informação exata, erros e confabulações relatadas. Os resultados obtidos não convergem com os de outras investigações, pois segundo Lamb et al (2008), Poole e White (1991) e Wilson e Powell (2001) assiste-se a um aumento da qualidade de informação relatada pela criança quando se recorre apenas à narrativa livre, enquanto o questionamento fechado se associa a mais erros.

Na globalidade, estes resultados, podem dever-se ao número reduzido de sujeitos distribuídos por cada condição (n=60), pois em amostrar maiores e em situações que envolvessem um acontecimento real/vivenciado pelos sujeitos, talvez os resultados fossem diferentes. Para além disso, uma vez que grande parte da amostra foi recolhida em centros escolares, a partilha de detalhes acerca do vídeo com os outros participantes após as entrevistas,

poderá ter influenciado as recordações e as narrativas posteriores. As próprias características do Protocolo de Entrevista do NICHD podem minimizar os efeitos oriundos do questionamento fechado, particularmente a *cerimônia da verdade e da mentira* apresentada na parte inicial da entrevista, visto que nesta é realçada a importância dos participantes dizerem sempre a verdade, destacando-se a altura em que se vai focar o acontecimento visionado.

Uma das hipóteses explicativas para os sujeitos da condição 2 terem apresentado mais informação exata comparativamente aos da condição 1, é o facto dos primeiros terem contactado com cinco questões que remetiam para detalhes presentes no vídeo através do questionamento fechado introduzido na primeira entrevista (informação verdadeira), favorecendo assim a recuperação dessa informação no segundo momento.

Esperava-se igualmente que os sujeitos da condição 2 cometessem mais erros do que os da condição 1, tendo em conta que segundo Lamb et al (2008) a introdução de informação enganosa através de um questionamento fechado, aumenta a probabilidade do erro. Contudo, esta inexistência de diferenças significativas entre ambos os grupos pode ser explicada pelo intervalo de apenas uma semana entre a introdução das questões fechadas capciosas e a segunda descrição do acontecimento retratado no vídeo, visto que de acordo com algumas teorias, quando menor for este espaçamento menor é a probabilidade da ocorrência de erros e enviesamentos nos relatos das crianças/adolescentes (Gardner, 2003; Henry & Gudjonsson 2003; Lanning, 2002; Lindberg et al., 2003; Poole & Lamb, 1998; Wiley et al., 2006).

Por fim, no que diz respeito às informações confabuladas, mais uma vez a ausência de diferenças significativas entre os dois grupos não era prevista, tendo em conta que os dados transmitidos durante a entrevista podem preencher lacunas da memória (List, 1986), sendo isto mais propenso de acontecer quando as crianças sentem confusão entre a memória adquirida na experiência de um acontecimento, com aquela que foi construída a partir da sugestão ou imaginação, acreditando que o sentido da familiaridade destas confabulações se originou a partir experiências reais (Chae & Ceci, 2006; Eisen et al., 2002; Leichtman & Ceci, 1995; Poole & Lindsay, 1995). O intervalo de tempo decorrido entre as duas entrevistas pode justificar em parte os resultados alcançados na presente investigação, na medida em que autores como Loftus, Miller e Burns (1978) verificaram que as sugestões eram tanto mais aceites quanto mais tempo decorria entre os dois momentos e atribuíram estes resultados ao período entre as entrevistas, ou seja, quanto maior for este intervalo de tempo, maior será grau de deterioração da memória para a informação original, diminuindo a capacidade de deteção das discrepâncias com a informação falsa sugerida ou imaginação.

Relativamente à influência da Idade no relato do acontecimento visionado, esta surgiu como variável preditora da informação exata e das confabulações, verificando-se que à medida que a idade dos participantes aumenta, mais informação exata e confabulações são relatadas, tendo um efeito contrário nos erros cometidos. Estes dados vão ainda de encontro com um estudo desenvolvido por Cunha (2010), que concluiu que as

confabulações aumentam em proporção com o número de informação corretamente evocada. Algumas pesquisas elaboradas neste âmbito sugerem que a idade por si só, não é um bom preditor de depoimentos inexatos. Em vez disso, a qualidade do testemunho ocular das crianças é melhor vista como o resultado de uma constante interação entre as características das crianças, os contextos dos eventos testemunhados e os métodos utilizados para rentabilizar as informações prestadas (Goodman & Schwartz-kenney, 1992; Poole, & White, 1991). Tal como defende Lamb e Larsson (2009), é possível obter informações valiosas a partir dos relatos das crianças se os procedimentos de interrogatório forem cuidadosos e se corresponderem às suas capacidades desenvolvimentais (Foley & Johnson, 1985; Lamb, 1998; Kassin et al., 2010; Poole & Sternberg et al., 2002). Outros autores garantem que a própria estrutura das questões parece aumentar, por si só, as distorções nas respostas dadas pelas crianças (Aldridge, 1992; Lamb et al., 2003; Lamb et al., 1999; Poole & Lamb, 1998; Poole & Lindsay, 2002; Saywitz, 1987; Zajac, 2009).

Os resultados do presente estudo podem ser explicados tendo por base as características do protocolo de entrevista do NICHD, sobressaindo os efeitos da idade, visto que os do questionamento fechado são minimizados pelo curto intervalo de tempo entre os dois momentos, pela entrevista forense e pelo facto de não se ter introduzido as questões fechadas na segunda entrevista.

Uma outra hipótese do estudo era que perante as questões fechadas, as crianças e adolescentes tendiam a dar uma resposta do tipo *sim/não* mesmo quando não reuniam informação suficiente para responderem afirmativa ou negativamente a estas. Esta hipótese foi comprovada no presente estudo e corroborada por várias investigações (Aldridge, 1992; Lamb et al., 2003; Lamb et al., 1999; Poole & Lamb, 1998; Poole & Lindsay, 2002; Saywitz, 1987; Zajac, 2009). Nas perguntas que continham informação falsa acerca do vídeo, os participantes tenderam a dar uma resposta do tipo *sim/não*, evidenciando o processo de cedência ao entrevistador, mostrando dificuldade em responder *não sei*. Isto é mais interessante considerando que no decorrer da entrevista foi clarificado como regra o direito/dever de dizer *não sei*. É amplamente documentado na literatura a vantagem da entrevista começar por uma breve explicação desta regra, uma vez que segundo alguns autores treinar com as crianças a dizer *não sei*, ajuda a reduzir a tendência para não usarem esta expressão (Lamb et al, 2008; Memon, & Vartoukian, 1996; Poole & Lamb, 1998; Poole & White, 1995; Richard & Gardner, 2003; Teoh & Lamb, 2010). Uma justificação plausível para a não utilização da resposta *não sei*, passa por alguns dados apresentados na literatura que envolvem o fator da desejabilidade social. Ceci e Bruck (1999), Chae e Ceci, (2006), Poole e Lamb (1998) e Saywitz (2002) alertam que as crianças e os adolescentes podem dar respostas que pensam ir ao encontro das expectativas do entrevistador, dando uma resposta que não é consistente com o seu conhecimento acerca de um dado evento, mas que pensam ser a esperada, com o objetivo de fazer passar uma imagem positiva de si, evitando a crítica numa situação teste, mesmo quando estão completamente cientes da sua divergência com a forma como o acontecimento originalmente

foi percebido.

O facto de o entrevistador ter assistido ao vídeo junto dos participantes, bem como os comentários efetuados pelos encarregados de educação acerca do desempenho das crianças e adolescentes antes e depois das entrevistas (e.g. “Portou-se bem nas tarefas?”; “Fez muitas asneiras?”) pode ter igualmente influenciado os resultados, ao aumentar a pressão social sentida pela situação teste, levando os participantes a responderem mais de acordo com a escolha forçada do que com o *não sei*, com vista a passar uma imagem positiva de si e esforçando-se para agradar o entrevistador e os progenitores.

Para além disto, aponta-se ainda o facto de a avaliação ter recaído sobre um acontecimento observado, pois segundo Wiley et al (2006) a sugestionabilidade das crianças pode aumentar quando as entrevistas contêm questões traiçoeiras, mas também quando as questões são focalizadas em eventos que não são relevantes nem centrais para a criança ou simplesmente porque ela não os viveu diretamente.

Os resultados alcançados nesta análise remetem para uma forma de sugestionabilidade que traduz a aceitação imediata de informação ilusória e que está presente nos paradigmas em que esta é introduzida através de técnicas sugestivas de questionamento (Cunha, 2010). Algumas investigações levadas a cabo neste âmbito, mostraram que a estrutura das questões parece aumentar as distorções nas respostas, mesmo na ausência de perguntas enganosas (Lamb et al., 2003), nomeadamente as perguntas formuladas em formato fechado e que requerem uma resposta do tipo *sim/não* (Waterman, Blades, & Spencer, 2001). Vemos que este tipo de formato das questões pode dificultar a opção pela resposta *não sei*.

Quanto aos três participantes de 4 anos de idade que se recusaram a responder às vinte questões, há autores que referem que as crianças diferem umas das outras na forma como recordam e contam as suas experiências passadas; enquanto algumas crianças fornecem relatos completos, outras tendem a nem sequer falar (Lindberg et al., 2003; Pipe & Salmon, 2002; Poole & Lamb, 1998). Alberto (2006) acrescenta que há crianças que manifestam uma maior dificuldade em dialogar fluidamente e de forma estruturada, necessitando de um tempo para pensar e organizar o seu discurso/pensamento, ou são simplesmente mais inibidas.

Verificou-se que, apesar da sugestionabilidade produzida pelas questões fechadas e de conteúdo capcioso não se confinar apenas ao grupo etário mais novo, foi este que mostrou uma maior dificuldade em lidar com este tipo de questões, ao responder menos vezes *não sei*. Os resultados do presente estudo convergem com os registados num conjunto significativo de investigações, que indicam que as crianças mais novas são mais sugestionáveis que as crianças mais velhas e do que os adolescentes, pois a sugestionabilidade vai enfraquecendo à medida que a idade aumenta (Ceci & Bruck, 1993, 1999; Chae et al, 2011; Coxon & Valentine, 1998; Diecidue & Miller, 1997; Gobbo, 2000; Kulkofsky & Klemfuss, 2008; Lamb et al., 2008; Leichtman & Ceci, 1995; List, 1986; Pipe & Salmon, 2002; Poole & Lindsay, 1994; Saywit & Lyon, 2002; Stern, 1919; Welch-Ross, Wilson, & Powell, 2001). Goodman e Schwartz-kenney (1992) e Peterson, Dowden e

Tobi (1999) explicam estes resultados tendo por base as habilidades cognitivas mais desenvolvidas das crianças mais velhas. Na prática, esta questão em torno da precocidade da sugestionabilidade e da utilização de questões fechadas poderá levantar alguns dilemas, visto que segundo Wiley et al. (2006), perante crianças em idade pré-escolar por vezes torna-se necessário recorrer a questões mais específicas, mais focalizadas e detalhadas, uma vez que elas tendem a fornecer pouca informação através de questões abertas. No entanto, o mesmo autor assegura que se estas questões não envolverem informação enganosa podem ser apropriadas nestes casos.

Todavia, surgiram outros estudos que contrapõem estas conclusões a favor da precocidade da idade como fator potenciador do grau de sugestionabilidade (Finnilä et al., 2003; cit in Cunha, 2010; Hyman & Pentland, 1996). Outros autores apontam para a existência de uma grande variedade nos detalhes e na exatidão do testemunho de crianças num mesmo grupo etário (Chae & Ceci, 2006; Crossman, Scullin, & Melnyk, 2004), concluindo que quando se pretende estudar a vulnerabilidade das crianças às questões capciosas, não se pode analisar esta variável isoladamente.

Finalmente, através dos resultados obtidos com a atual investigação vemos que relativamente à última hipótese do estudo (*H4: Prevê-se que os participantes que foram sujeitos à lista de questões fechadas incorporem informação e a relatem na segunda entrevista, uma semana depois.*) verificou-se que 8 crianças apresentaram detalhes falaciosos provenientes das questões fechadas, durante o segundo relato. Este aspeto é central considerando que várias investigações comprovaram que a apresentação de informação pós-evento, incluindo o questionamento fechado, pode afetar as declarações dadas pelas crianças e adolescentes (Ceci & Bruck, 1993; Drake, 2010; Faller, 2007; Poole & Lindsay, 1995; Warren, Hulse-Trotter, & Tubbs, 1991; Waterman, Blades, & Spencer, 2001; Wiley et al. 2002). Como já foi mencionado no presente trabalho, autores como Chae e Ceci (2006), Eisen et al. (2002), Leichtman e Ceci (1995) e Poole e Lindsay (1995) justificam esta incorporação com o facto de os sujeitos poderem sentir uma certa confusão entre a memória adquirida na experiência de um acontecimento, com aquela que depois foi construída a partir da sugestão. Outros teóricos têm procurado explicar a incorporação de informação pós evento recorrendo ao que comumente se denomina de *teoria da mente* (Chae & Ceci, 2006; Welch-Ross, Diecidue, & Miller, 1997) defendendo que a capacidade das crianças e adolescentes para raciocinar sobre prováveis conflitos entre as suas crenças e a dos outros, pode determinar se estas são ou não capazes de reconciliar as experiências originais com a informação pós-acontecimento introduzida em tarefas destinadas a enganá-las, por exemplo através do questionamento fechado e capcioso.

A monitorização da fonte é outra variável bastante estudada neste contexto, reportando-se à capacidade de identificação e distinção das diferentes fontes da informação armazenadas na memória (Lindsay et al., 1991). De acordo com Piaget (1926, cit in Cunha, 2010), esta capacidade para distinguir a realidade da fantasia, só está completamente desenvolvida por volta dos 7/8 anos de idade. O que comprova os resultados alcançados no presente estudo, visto que foram as crianças de 4/5 anos que

incorporaram mais informação pós-evento e que os apresentaram na evocação diferida.

VI - Conclusões

Neste trabalho interessou particularmente estudar o impacto da idade e do questionamento, nomeadamente quando este inclui técnicas de entrevista sugestivas, nos relatos de crianças e adolescentes.

O aumento de casos de abuso sexual de crianças, a inclusão cada vez maior destas em processos judiciais, o aumento da abordagem a acontecimentos com relevância pessoal, bem como o aumento de técnicas sugestivas infiltradas pelo questionamento, surgem como as principais razões para o aumento de investigação científica em torno dos procedimentos e das técnicas de entrevistas forenses que favorecem e rentabilizam as evocações de crianças/adolescentes, permitindo a obtenção de informações exatas do ponto de vista forense, sem provocar dano ou suggestionar (Bruck, Ceci, & Melnyk, 1997). As investigações em torno de como entrevistar crianças têm crescido à medida que têm aumentado as situações de abuso sexual, dado que na grande maioria dos casos a prova fica limitada ao discurso da vítima e do ofensor e geralmente é questionada a precisão e fidedignidade dos depoimentos das crianças abusadas sexualmente (Fanetti & Boles, 2004; Poole & Lamb, 1998).

Neste âmbito, o contributo da Psicologia Forense tem passado pelo desenvolvimento de metodologias e modelos explicativos que têm por objetivo a diferenciação entre alegações de abuso verdadeiras e falsas. A mais recente pesquisa neste âmbito centra-se no Protocolo de Entrevista Forense do NICHD de Michael Lamb e colaboradores, que pretende promover o aumento da qualidade da informação exata prestada pelas crianças, tentando reduzir o efeito da sugestão, e por este motivo, o presente trabalho foi desenvolvido tendo por base a estrutura e as linhas orientadoras apresentadas por este protocolo.

Assim, a atual investigação reveste-se de grande importância para o contexto forense em Portugal, visto que sustenta que as crianças mais novas, dos 4 anos e de idade pré-escolar mostram ser mais sugestionáveis que as crianças mais velhas e adolescentes, refletindo uma maior tendência para aceitar informações falsas introduzidas por perguntas fechadas. Contudo, importa salientar que esta forma de lidar com a pressão social sentida relativamente à forma de questionamento conduzida pelo entrevistador não parece confinar-se apenas aos mais novos. Caso não se utilizem técnicas de entrevistas adequadas, tais resultados constituem-se como uma limitação perigosa, se tivermos em consideração o número elevado de acusações de abuso sexual envolvendo crianças muito novas. Deste modo, cabe ao psicólogo forense, devidamente treinado e recorrendo a técnicas com validação empírica para a população portuguesa, assegurar a obtenção de relatos mais informativos e exatos das crianças e adolescentes, de forma a melhorar a qualidade da prova. Este estudo mostra o risco grave de colocar questões fechadas de escolha forçada, independentemente da idade (criança/adolescente).

Os resultados que se retiram do estudo podem ter ainda implicações importantes na entrevista forense de crianças e adolescentes em contextos forenses reais, na medida em que se constatou que a apresentação de informação enganosa pós-evento, pode contaminar os futuros relatos, mesmo em intervalos de tempo curtos.

As restantes observações retiradas do presente estudo acerca da inexistência de diferenças significativas entre os sujeitos de ambas as condições, na quantidade de erros, informação exata e confabulações dadas, mostraram que o efeito do questionamento fechado e capcioso foi em parte colmatado pelas características próprias do protocolo de entrevista do NICHHD, que tem como um dos objetivos precisamente reduzir a sugestionabilidade interrogativa. Mostra ainda que um intervalo de tempo de uma semana não influencia grandemente a memória, mesmo quando há questionamento capcioso numa primeira entrevista.

Apesar do contributo deste estudo no sentido de reforçar a influência do tipo de questionamento e da idade na obtenção de informações junto de crianças e adolescente, e de mostrar que o protocolo do NICHHD configura um bom recurso de recolha de informação junto de crianças, diminuindo os possíveis efeitos do questionamento fechado, o mesmo apresenta algumas limitações que não devem ser descuradas na leitura dos resultados obtidos. Em primeiro lugar, aponta-se o número diminuto de sujeitos em cada uma das condições ($n=60$), sendo que em futuras investigações seria importante contemplar amostras mais vastas em ambas as condições para cimentar os resultados obtidos no atual estudo. Surge ainda como limitação, a natureza e as características do material recordado, pois a investigação debruçou-se sobre as narrativas dos participantes acerca de um acontecimento observado num vídeo apresentado no momento da entrevista e não acerca de um evento real/vivenciado diretamente por estes.

Uma outra limitação a considerar é o facto da maioria dos protocolos ter sido aplicada em centros escolares, permitindo a eventual partilha de informações entre os participantes, tornando mais similares as informações que cada um reteve do vídeo e da entrevista.

Em futuras investigações, com vista a cimentar e a complementar os resultados conseguidos com o presente estudo, seria pertinente incluir na amostra crianças e adolescentes com problemas comportamentais e emocionais (eg. institucionalizados), analisando assim as diferenças nas variáveis analisadas na atual investigação com um grupo de controlo que integrasse crianças e adolescentes da população geral. Em contextos reais, muitas das crianças/adolescentes que vão depor a tribunal apresentam alguns problemas de comportamento e emocionais oriundos do confronto precoce com o abuso sexual, nomeadamente Perturbação Pós-Stress Traumático e dissociações que estão associadas a problemas de memória e aumento da sugestionabilidade nos adultos (Chae et al., 2011; Eisen et al., 2007).

Seria ainda vantajoso em próximos estudos dividir a amostra por intervalos de tempo diferentes entre a primeira e a segunda entrevista, com vista a analisar a influência do tempo nas variáveis analisadas, nomeadamente na incorporação de informação enganosa introduzida pós-evento. Concomitantemente, seria ainda frutífero comparar as diferenças

alcançadas nas variáveis estudadas no presente estudo com a utilização do protocolo de entrevista do NICHD com outro tipo de entrevista (e.g. Entrevista Cognitiva ou uma entrevista usada pelas forças policiais).

Bibliografia

- Alberto, I. M. (2006). Abuso Sexual de Crianças: o Psicólogo na encruzilhada da ciência com a Justiça. In A.C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. T. Simões, & M. S. Pinho (Eds.). *Psicologia Forense*. (pp. 437-470). Coimbra: Almedina.
- Aldridge, J. (1992). The further training of professionals dealing with child witnesses. In H. Dent, & R. Flin (Eds.). *Children as witnesses*. (pp.231-244). England: Wiley- Blackell.
- Bruck, M., & Ceci, S. J. (1999). The suggestibility of children's memory. *Annual Review of Psychology*, 50, 419-439.
- Bruck, M., & Ceci, S. J. (1993). Suggestibility of the child witness: A historical review and synthesis. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 403-439.
- Bruck, M., Ceci, S. J., & Melnyk, L. (1997). External and internal sources of variation in the creation of false reports in children. *Learning and Individual Differences*, 9(4), 289-316.
- Bruck, M., Ceci, S. J., & Hembrooke, H. (1998). Reliability and credibility of young children's reports: From research to policy and practice. *American Psychologist*, 53 (2), 136-151.
- Buck, J. A., London, K., & Wrigth, D. B. (2011). Expert testimony regarding child witnesses: Does it sensitize jurors to forensic interview quality? *Law and Human Behavior*, 35, 152-164. doi:10.1007/s10979-010-9228-2.
- Bruck, M., & Melnyk, L. (2004). Individual differences in children's suggestibility: a review and synthesis. *Applied Cognitive Psychology*, 18, 947-996. doi:10.1002/acp.1783.
- Butchart, A., Phinney Harvey, A., Mian, M., Furniss, T., & Kahane, T. (2009). *Prevencion del maltrato infantil: Que hacer, y co mo obtener evidencias*. Genebra: Organizacion Mundial de la Salud (OMS.)
- Carmo, R., Alberto, I., & Guerra, P. (2002). *O abuso sexual de menores. Uma conversa sobre Justiça entre o Direito e a Psicologia*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Ceci, S. J., & Friedman, R. D. (2000). The suggestibility of children:

- Scientific research and legal implications. *Cornell Law Review*, 86, 34-108.
- Chae, Y., & Ceci, S. J. (2005). Individual differences in children's recall and suggestibility: The effect of intelligence, temperament, and self-perceptions. *Applied cognitive psychology*, 19, 383-407. doi: 10.1002/acp.1094.
- Chae, Y., & Ceci, S.J. (2006). Diferenças individuais na sugestibilidade das crianças. In A.C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. T. Simões, & M. S. Pinho (Eds.). *Psicologia Forense* (pp.471-496). Coimbra: Almedina.
- Chae, Y., Goodman G. S., Eisen, M. L., & Qin, J. (2011). Event memory and suggestibility in abused and neglected children: Trauma-related psychopathology and cognitive functioning. *Journal of Experimental Child Psychology*, 110, 520-538. doi:10.1016/j.jecp.2011.05.006.
- Conti, R. P. (1999). The Psychology of False Confessions. *The Journal of Credibility Assessment and Witness Psychology*, 2 (1), 14-36.
- Costa, A., & Pinho, M. S. (2010). Sugestibilidade interrogativa em crianças de 8 e 9 anos de idade. *Análise Psicológica*, 1 (28), 193-208.
- Coxon, P., & Valentine, T. (1998). The effects of the age of eyewitnesses on the accuracy and suggestibility of their testimony. *Applied Cognitive Psychology*, 11, 415-430.
- Cunha, A.I.Q. (2010). *A sugestibilidade interrogativa em crianças: O papel da idade e das competências cognitivas*. Tese de Doutorado em Psicologia Experimental e Ciências Cognitivas. Universidade do Minho.
- Dent, H. (1992). The effects of age and intelligence on eyewitnessing ability. In H. Den, & R. Flin (Eds.). *Children as witnesses*. (pp.1-13). England: Wiley- Blackell.
- Dezwirek-Sas, L. (1992). Empowering Child Witnesses for Sexual Abuse Prosecution. In H. Den, & R. Flin. (Eds.). *Children as witnesses*. (pp.181-199). England: Wiley- Blackell.
- Drake, K.E. (2010). The psychology of interrogative suggestibility: A vulnerability during interview. *Personality and Individual Differences*, 49, 683-688. doi:10.1016/j.paid.2010.06.005.
- Drake, K.E., Bull, R., & Bonn, J.C.W. (2008). Interrogative suggestibility, self-esteem, and the influence of negative life-events. *Legal and Criminological Psychology*, 13, 299-307. doi:10.1348/135532507X209981.

- Eisen, M. L., Goodman, G. S., Qin, J., Davis, S., & Crayton, J. (2007). Maltreated children's memory: accuracy, suggestibility, and psychopathology. *Developmental Psychology*, 43 (6), 1275-1294. doi: 10.1037/0012-1649.43.6.1275.
- Eisen, M. L., Winograd, E., & Qin, J. (2002). Individual differences in adults' suggestibility and memory performance. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.205-234). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Endres, J. (1997). The suggestibility of the child witness: the role of individual differences and their assessment. *The Journal of Credibility Assessment and Witness Psychology*, 1, 44-67.
- Faller, K.C. (2007). *Interviewing Children About Sexual Abuse*. New York: Oxford.
- Fanetti, M., & Boles, R. (2004). Forensic interviewing and assessment issues with children. In W. O'Donohue, & E. R. Levensky (Eds.), *Handbook of forensic psychology. Resource for mental health and legal professionals* (pp. 245-265). London: Elsevier Academic Press.
- Filho & Júnior (2009). Desvendando os mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). *Revista Política Hoje*, 18 (1), 115-146
- Fivush, R., Peterson, C., & Schwarzmueeller, A. (2002). Questions and answers: The credibility of child witnesses in the context of specific questioning techniques. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.331-354). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Flin, R., & Spencer J. R. (1995). Annotation: Children as witnesses legal and psychological perspectives. *Child Psychology and Psychiatry*, 36 (2), 171-189.
- Foley, M. A., & Johnson, M. K. (1985). Confusions between memories for performed and imagined actions: A developmental comparison. *Child Development*, 56, 1145-1155.
- Gardner, R. A. (2003). Interview criteria for assessing allegations of sexual abuse in children and adults. *Journal of The American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, 31 (2), 297-323.
- Gobbo, C. (2000). Assessing the effects of misinformation on children's recall: How and when makes a difference. *Applied Cognitive Psychology*, 14, 163-182.

- Goodman, G. S., & Reed, R. S. (1986). Age differences in eyewitness testimony. *Law and Human Behavior*, 10, 317-332.
- Goodman, G. S., & Schwartz-kenney, B. M. (1992). Why knowing a child's age is not enough: influences of cognitive, social and emotional factors on children's testimony. In H. Dent, & R. Flin. (Eds.), *Children as witnesses*. (pp.15-31). England: Wiley- Blackell.
- Henry, L. A., & Gudjonsson, G. H. (2003). Eyewitness memory, suggestibility, and repeated recall sessions in children with mild and moderate intellectual disabilities. *Law and Human Behavior*, 27 (5), 481-505.
- Hershkowitz, I., Lanes, O., & Lamb, M. E. (2007). Exploring the disclosure of child sexual abuse with alleged victims and their parents. *Child Abuse & Neglect*, 31, 111-123. doi:10.1016/j.chiabu.2006.09.004.
- Holliday, R. E., Brainerd, C.J., & Reyna, V. F. (2008). Interviewing Vulnerable Witnesses. In G. Davies, C. Hollin, & R. Bull (Eds.), *Forensic Psychology* (pp. 87-112). England: Wiley- Blackell.
- Howitt, D. (2006). *Introduction to forensic and criminal psychology*. (2^{ed.}). New York, Harlow: Pearson Longman.
- Hyman, I. E., & Pentland, J. (1996). The role of mental imagery in the creation of false childhood memories. *Journal of Memory & Language*, 35 (2), 101-117.
- Kassin, S. M., Drizin, S. A., Grisso, T., Gudjonsson, G.H., Leo, R. A., & Redlich, A. D. (2010). Police-Induced Confessions: Risk Factors and Recommendation. *Law Hum Behaviour*, 34(3), 1-38. doi 10.1007/s10979-009-9188-6.
- Kassin, S. M., & Gudjonsson, G. H. (2004). The Psychology of Confessions. A Review of the Literature and Issues. *Psychological science in the public*, 5 (2), 33-67.
- Kent, S.M. (1992). Social Support and Children's Eyewitness Testimony. In H. Dent, & R. Flin. (Eds.), *Children as witnesses* (pp.33-46). England: Wiley- Blackell.
- Klaver, J. R., Lee, Z., & Rose, G. (2008). Effects of personality, interrogation techniques and plausibility in an experimental false confession paradigm. *Legal and Criminological Psychology*, 13, 71-88. doi:10.1348/135532507X19305.
- Kulkofsky, S., & Klemfuss, J. Z. (2008). What the stories children tell can

- tell about their memory: Narrative skill and young children's suggestibility. *Developmental Psychology*, 44 (5), 1442-1456. doi: 10.1037/a0012849.
- Lamb, M. E., & Garretson, M. E. (2003). The effects of interviewer gender and child gender on the informativeness of alleged child sexual abuse victims in forensic interviews. *Law and Human Behavior*, 27 (2), 157-171.
- Lamb, M.E., Hershkowitz, I., Orbach, Y., & Esplin, O. W. (2008). *Tell me what happened: structure investigative interviews of child victims and witnesses*. England: Wiley –Blackell.
- Lamb, M. E., & Larsson, A. S.(2009). Making the most of information gathering interviews with children. *Infant and Child Development*, 18, 1-16. doi: 10.1002/ICD.573.
- Lamb, M. E., & Teoh, Y. (2010). Preparing children for investigative interviews: rapport-Building, instruction, and evaluation applied developmental science. *Applied Developmental Science*, 14 (3), 154-163. doi: 10.1080/10888691.2010.494463.
- Lamb, M. E., & Orbach, Y. (2002). Enhancing children's narratives in investigative interviews. *Child Abuse & Neglect*, 24 (12), 1631-1648.
- Lamb, M. E., Orbach, Y., Sternberg, K. J., Hershkowitz, I., & Horowitz, D. (2000). Accuracy of investigators Verbatim notes of their forensic interviews with alleged child abuse victims. *Law and Human Behavior*, 24 (6), 699-708.
- Lanning, K.V. (2002). Criminal investigations of sexual victimization of children. In, J. Myers, L. Berliner, J. Briere, C.T. Hendrix, & Th. A. Reid (Eds.). *The APSAC handbook on child maltreatment* (pp. 329-347). London: Sage Publications.
- Leander, L. (2010). Police interviews with child sexual abuse victims: Patterns of reporting, avoidance and denial. *Child Abuse & Neglect*, 34, 192–205. doi:10.1016/j.chiabu.
- Leichtman, M. D., & Ceci, S. J. (1995). The effects of stereotypes and suggestions on preschoolers reports. *Developmental Psychology*, 31, 568-578.
- Levine, L. J., Burgess, S. L., & Laney, C. (2008). Effects of discrete emotions on young children's suggestibility. *Developmental Psychology*, 44 (3), 681–694. doi: 10.1037/0012-1649.44.3.681.
- Lindberg, M. A., Chapman, M. T., Sansock, D., Thomas, S.W., & Lindberg,

- A.W. (2003). Comparisons of three different investigative interview techniques with young children. *The Journal of Genetic Psychology*, 164 (1), 5-28.
- Lindsay, D. S., Johnson, M. K., & Kwon, P. (1991). Developmental changes in memory source monitoring. *Journal of Experimental Psychology*, 52, 297-318.
- List, J. A. (1986). Age and Schematic Differences in the reliability of eyewitness testimony. *Developmental Psychology*, 22 (1), 50-57.
- Loftus, E. F., Miller, D. G., & Burns, H. J. (1978). Semantic integration of verbal information into visual memory. *Journal of Experimental Psychology: Human Learning and Memory*, 4, 19-31.
- Loftus, E. F., & Palmer, J. C. (1974). Reconstruction of automobile destruction: An example of the interaction between language and memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13, 585-589.
- Luus, C.A.E., & Wells, G.L. (1992). The perceived credibility of child eyewitnesses. In H. Dent, & R. Flin (Eds.). *Children as witnesses*. (pp.73-92). England:Wiley- Blackell.
- Lyon, T. D. (1999). The new wave in children's suggestibility research: A critique. *Cornell Law Review*, 84, 1004-1087.
- Machado, C., & Gonçalves, M. (1999). Psicoterapia com crianças abusadas sexualmente: da exposição à re-autoria. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 347-364.
- Magalhães, T., & Ribeiro, C. (2007). A colheita de infirmação a vítimas de crimes sexuais. *Acta Médica Portuguesa*, 20, 439-445.
- Manzanero, A. L. (2001). Procedimientos de evaluación de la credibilidad de las declaraciones de menores víctimas de agresiones sexuales. *Psicopatología Clínica, Legal y Forense*, 1 (2), 51-71.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Melnik, L., Crossman, A. M., & Scullin, M. H. (2007). The suggestibility of children's memory. In M. P. Toglia, J. D. Read, D. F. Ross, & R. C. L. Lindsay (Eds.), *The handbook of eyewitness psychology: Memory for events* (pp. 401-427). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Memon, A., & Vartoukian, R. (1996) The effects of repeated questioning on young children's eyewitness testimony. *British Journal of Psychology*,

87, 403-415.

- Neves, D., Pinho, M. S., & Faria, M. (2011). Sugestionabilidade interrogativa: Implicações para a assessoria técnica a tribunais e para a intervenção com delinquentes. *Ousar integrar-revista de reinserção social e prova*, 8, 67-77.
- Pangborn, K. R. (2009). Identifying and correcting problems with forensic interviews of alleged child sexual abuse victims: A holistic environmental approach. *Child Abuse Accusations*, 18. Disponível em http://www.ipt-forensics.com/journal/volume18/j18_1.htm, acessado em 16 de Novembro de 2011.
- Peterson, C; Dowden, C., & Tobin, J. (1999). Interviewing preschoolers: comparisons Of Yes/No and Wh- Questions. *Law and Human Behavior*, 23, (5). 539-555.
- Pipe, M., & Salmon, K. (2002). What Children Bring to the Interview Context: Individual Differences in Children's Event Reports. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.235-264). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pipe, M., Lamb, M. E., Orbach, Y., & Esplin, P. W. (2004). Recent research on children's testimony about experienced and witnessed events. *Developmental Review*, 24, 440-468. doi:10.1016/j.dr.2004.08.006
- Poole, D. A., & Lamb, M. E. (1998). *Investigative Interviews of children. A guide for helping professionals*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Poole, D. A., & Lindsay, S. (2002). Children's suggestibility in the forensic context. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp. 355-382). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Poole, D. A., & White, L. (1991). Effects of question repetition on the eyewitness testimony of children and adults. *Developmental Psychology*, 27 (6), 975-986.
- Poole, D. A., & White, L. (1993). Interrogation and false confessions among adolescents: Differences between bullies and victims. *Developmental Psychology*, 29 (5), 844-853.
- Price, H. L., & Roberts, K. P (2011). The effects of Intensive training and feedback program on police and social workers Investigative interviews of children. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 43 (3), 235-244. doi: 10.1037/a0022541.

- Powell, M. B., Cavezza, C., Hughes-Scholes, C., & Stoove, M. (2010). Examination of the consistency of interviewer performance across three distinct interview contexts, *Psychology. Crime & Law*, 16 (7), 585-600.
- Quas, J. A., & Schaaf, J. M. (2002). Children's memories of personal experiences following repeated questioning. *Journal of Experimental Child Psychology*, 83, 304-338.
- Ribeiro, C. (2009). *A criança na justiça: Trajectórias e significados do processo judicial de crianças vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. Coimbra: Almedina.
- Roebbers, C. M., Gelhaar, T., & Schneider, W. (2004). "It's magic!" The effects of presentation modality on children's event memory, suggestibility, and confidence judgments. *Journal Experimental Child Psychology*, 87, 320-335. doi:10.1016/j.jecp.2004.01.004.
- Thoresen, C.T., Lonnum C., Melinder, K., Stridbeck, S., & Magnussen, S. (2006). Theory and practice in interviewing young children: A study of Norwegian police interviews 1985-2002. *Psychology, Crime & Law*, 12 (6), 629-640. doi: 10.1080/10683160500350546.
- Saywitz, K. J., & Lyon, T. D. (2002). Coming to grips with children's suggestibility. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.85-114). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Scullin, M. H., Kanaya T., & Ceci, S. J. (2002). Measurement of individual differences in children's suggestibility across situations. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 8 (4), 233-246. doi: 10.1037/1076-898X.8.4.233.
- Shobe, K. K., & Kihlstrom, J. F. (2002). Interrogative Suggestibility and "Memory Work". In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.309-327). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sporer, S. L. (1982). A brief history of the Psychology of testimony Siegfried Ludwig Sporer. *Current Psychological Reviews*, 2, 323-339.
- Steller, M., & Boychuck, T. (1992). Children as witnesses in sexual abuse cases: Investigative interview and assessment techniques. In H. Dent, & R. Flin (Eds.). *Children as witnesses*. (pp.47-71). England: Wiley-Blackell.

- Stern, W. (1910). Abstracts of lectures on the psychology of testimony and on the study of individuality. *American Journal of Psychology*, 21, 273-282.
- Sternberg, K. J., Lamb, M. E., Esplin, P. W., Orbach, Y., & Hershkowitz, I. (2002). Using a Structured Interview Protocol to Improve the Quality of Investigative Interviews. In M. L. Eisen, J.A. Quas, & G.S. Goodman (Eds.). *Memory and suggestibility in the forensic interview*. (pp.409-436). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Thoresen, C., Lonnum, K., Melinder, A., Stridbeck U., & Magnussen, S. (2006). Theory and practice in interviewing young children: A study of Norwegian police interviews 1985-2002. *Psychology, Crime & Law*, 12 (6), 629-640. doi: 10.1080/10683160500350546.
- Van Koppen, P.J. (2008). O mau uso da psicologia em tribunal. In A.C. Fonseca (Ed.) *Psicologia e Justiça* (pp. 123-154). Coimbra: Nova Almedina.
- Warren A., Hulse-Trotter, K., & Tubbs, E.C. (1991). Inducing resistance to suggestibility in children. *Law and Human Behaviour*, 15, 273-285
- Waterman, H.A., Blades, M., & Spencer, C. (2001). Interviewing children and adults: The effect of question format the tendency to speculate. *Applied Cognitive Psychology*, 15, 521-531. doi:10.1002/acp.741.
- Welch-Ross, M. K., Diecidue, K., & Miller, S. A. (1997). Young Children's Understanding of Conflicting Mental Representation Predicts Suggestibility. *Developmental Psychology*, 33 (1), 43-53.
- Wiley, T. R. S., Bottoms, B. L., Stevenson, M., & Oudekerk, B. (2006). A criança perante o sistema legal: dados da investigação psicológica. In A.C. Fonseca; M. R. Simões; M. C. T. Simões, & M. S. Pinho. (Eds). *Psicologia Forense* (pp.313-340). Coimbra: Almedina.
- Wilson, C., & Powell, M. (2001). *A guide to interviewing children*. Austrália: Allen & Unwin.
- Zajac, R. (2009). Investigative Interviewing in the courtroom: Child Witnesses under Cross-Examination (pp. 161-180). In R. Bull, T. Valentine, & T. Williamson (Eds.). *Handbook of Psychology of Investigative Interviewing: Current Developments and Future Directions*. Oxford: Wiley-Blackwell.

Anexos

Anexo A

(Carta explicativa da investigação)

ESTUDOS de VALIDAÇÃO da ENTREVISTA do PROTOCOLO do NICHD para a POPULAÇÃO PORTUGUESA

A presente investigação é realizada no âmbito da tese de Mestrado Integrado em Psicologia Forense, tendo por **objetivo** o estudo da influência do questionamento nos relatos de acontecimentos em crianças e adolescentes dos 4 aos 16 anos.

A colaboração de todos os participantes é **VOLUNTÁRIA**, e será absolutamente garantido o **ANONIMATO** e a **CONFIDENCIALIDADE** dos resultados obtidos. Os resultados serão inseridos em bases de dados para tratamento estatístico dos dados globais, que serão utilizados para fins estatísticos no quadro de estudo em curso. Para captar de forma integral e rigorosa o relato das crianças e adolescentes será utilizada uma gravação áudio com o fim único de obter uma descrição exata da entrevista realizada.

A participação do seu educando nesta investigação contribuirá para aprofundar os mecanismos de evocação e relato de acontecimentos por crianças e adolescentes.

A equipa deste projeto está imensamente grata pela sua disponibilidade e colaboração. Poderá contactar connosco para mais esclarecimentos

Nome: Liliana Barros (lylyanafernandes@hotmail.com; 912612850)
Marina Silva (marina_maravilha@hotmail.com; 967065671)
Rita Dias (rita_dias00@hotmail.com; 916969835)

Responsável pelo projeto:

Nome: Isabel Alberto (Prof. Auxiliar FPCE-UC)
E-mail: isamaria@fpce.uc.pt

Anexo B

(Declaração de consentimento informado)

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade que me foram dadas acerca da investigação em que o meu educando irá participar. Assim, autorizo que o meu/minha filho(a) a participar no projeto que me foi apresentado.

Coimbra, ____ de _____, de 20__

(Assinatura)

Anexo C

(Questionário Sociodemográfico)



**Mestrado Integrado em Psicologia
FPCE-UC
2011/2012**

Questionário sociodemográfico

Código: _____

Data: ____/____/____

Local de recolha dos dados: _____

Sexo: FEM ____ MASC ____

Idade: ____ Anos

Nível de escolaridade _____

Pai

Mãe

Profissão: _____

Profissão: _____

Nível escolaridade _____

Nível escolaridade _____

Anexo E

(CD – Vídeo “Slogan Helping”)

CD com o video “Slogan Helping”

Anexo F

(Caracterização da amostra em função da idade)

Tabela 7 – Caracterização da amostra em função da idade (n=120)

Idade	N	Porcentagem (%)
4	24	20%
5	14	11.7%
6	10	8.3%
7	6	5.0%
8	7	5.8%
9	11	9.2%
10	6	5.0%
11	8	6.7%
12	10	8.3%
13	2	1.7%
14	9	7.5%
15	5	4.2%
16	8	6.7%

Anexo G

(Erros e confabulações dadas pelos participantes na primeira e segunda entrevista)

Tabela 8- Erros cometidos pelos sujeitos da condição 1 e 2 na 1ª entrevista (Evocação Imediata)

Erros	Frequência
(Menina comia) Cornetto/Sumo/Bolacha /bolo de chocolate	4
(Menina) Subiu para a cadeira e armário abriu a porta	1
(Menina estava em) Cima da mesa/ lava-loiça / fogão/cadeira/banco /Saiu da cadeira	20
(Menina) Ver televisão/ mandou a roupa ao ar	2
A mãe chegou lá (à cozinha)/ Mãe vai para a cozinha	2
A mãe dela sentou-se numa cadeira/banco (no corredor)	4
Ficou com o coiso de para não ficar com as costas frias e a barriga ficou lá sujo...é aquele coiso quando usam quando tomam banho	1
(Senhora vestia) Camisola / casaco/ robe branco/fato/Pijama	8
(Senhora) Tirou o vestido	1
Despir o fecho/apertar os botões	4
Criança aperta vestido num puf ou sofá	1
(Menina) Limpou a boca ao vestido/encosta boca ao vestido/lavou as mãos no vestido /Menina lava os dentes/menina limpa mãos à toalha que mãe trazia	4
(Menina) Sujou as costas/pintou (da senhora)/sujou casaco com gelado	4
A menina fechou a porta	1
A mãe estava na casa de banho/quarto/sala	12
Em pé na cadeira	1
Menina partiu Copos em cima da mesa/ tinha uma pequena mesa onde a menina comia, tinha um prato	2
Mãe pega menina ao colo/ Mãe bate duas vezes na cabeça da menina	2

Tabela 9- Erros cometidos pelos sujeitos da condição 1 e 2 na 2ª entrevista (Evocação Diferida)

Erros	Frequência
Camisola/Casaco/ Casaco de cor preto /fato/fato de banho/toalha	17
Fechar/apertar botões / Tirar o vestido	4
Menina estava a comer - Bolacha/gelado/bolo de chocolate/sumo	4
Menina estava em Cima da Mesa / Em cima da cadeira/ Sentada numa cadeira um bocadinho alta/ (a ver) Televisão	12
(senhora) Fechou a porta	1
(Senhora) deu Dois beijos/ Deu um abraço	2
Mãe Sentou-se /Sentada num banco/na Sala/ Quarto/ A vestir o vestido à mãe na casa de banho/ Casa de banho / Apertou vestido no Sofá	18
A mãe estava a tomar banho na casa de banho.	2
Menina vestida com vestido branco	1

Menina vai para o quarto vestir-se	1
A mãe foi para a cozinha	1
Estava tudo desarrumado	1

Tabela 10- Confabulações apresentadas pelos sujeitos da condição 1 e 2 na 1ª entrevista (Evocação Imediata)

Confabulações	Frequência
Mãe/ Pessoa da família da criança/ instinto maternal.	112
Filha	12
Não sabia onde estava o pai	1
Menina acordou há pouco	1
A mãe agradeceu-lhe/ Disse obrigada à filha/ Agradeceu à filha pela ajuda/ Agradeceu-lhe com um beijinho/ (Senhora) Pediu um beijo	6
“ó mãe o que queres?”/ Ela disse que já ia/ “ó filha anda cá”	3
Sem a mãe saber/ comer chocolate às escondidas/ Se calhar não queria que a mãe soubesse que ela estava a comer chocolate.	9
(Menina) voltou para a cozinha/ Criança vai para a cozinha	2
Se (senhora) visse não lhe iria deixar comer o chocolate	1
Esconder as mãos para a mãe não ver/ Escondeu o chocolate	5
E se ela foi sair para algum lado ficou com as costas muito bonitas.	1
Depois a mãe devia ir para alguma festa/Mãe com vestido para cerimónia/ Mãe devia estar para casar/Mãe vai toda contente sair/ A mãe fugiu/ Que ela ia sair/ Mãe estava a preparar-se	10
Menina ficou sozinha em casa	3
A mãe pensou que estava tudo bem (não estava suja)/ Mãe não reparou quer o vestido estava sujo/ Mãe não sabia que a menina tinha as mãos sujas de chocolate/ Sem dar conta/ Suja vestido sem a mãe saber/ A mãe pensou que a filha não tinha comido nada /Senhora não sabia o que a menina estava a fazer	8
(Senhora) Acabou de tomar banho	1
(Menina) está a comer chocolate em exagero/ A menina foi acabar de comer o chocolate.	2
Mãe diz para menina se portar bem	1
Menina não consegue puxar o fecho do vestido porque as mãos estão escorregadias do chocolate	3
Porque ela tinha de vestir o vestido na casa de banho/ Devia estar no quarto a preparar-se mas depois foi para um corredor.	2
A menina apercebe-se, tem um pressentimento que a mãe vem	1
A menina para “se vingar da mãe”/ A menina sorriu com um riso de “vou-te fazer mal”/ Num ato de malícia/ A filha ficou com aquela cara de gozo, meia marota como quem diz: “Fiz asneiras mas também não vou dizer”/Como ato de malandrice limpou as mãos ao vestido	5
Uma menina com cerca de 6/8anos.	1

Tabela 11- Confabulações apresentadas pelos sujeitos da condição 1 e 2 na 2ª entrevista (Evocação Diferida)

Confabulações	Frequência
Mãe /Uma personagem que deveria ser a mãe /Pessoa da família da criança	109
Filha	9
Disse obrigada /Agradeceu-lhe/agradeceu com 1 beijinho	10
(Senhora) acabar de tomar banho	2
A mãe foi-se embora para o ballet/devia estar para casar/ a mãe foi embora porque estava com pressa.	3
Menina fica em casa /Ficou na cozinha a ver televisão/ Foi para a cozinha/ A filha voltou outra vez para a mesa da cozinha/ Menina fica sozinha em casa	7
Foi à cozinha outra vez acabar de comer chocolate/ A menina foi outra vez para a mesa comer mais chocolate/ Menina fica em casa a comer chocolate	4
A mãe foi para o quarto / A mãe devia estar no quarto	2
A comer chocolate as escondidas/ Comer chocolate sem a mãe saber/ Sem a mãe saber/escondeu chocolate /A menina com medo que a mãe descobrisse que estava a comer chocolate	8
Se calhar depois a mãe descobriu que ela estava a comer chocolate às escondidas/ A mãe se calhar veio a descobrir que a menina comeu chocolate e não gostou.	2
É que depois a mãe ia para uma festa/ mãe foi sair/mãe foi para um encontro	3
Não viu que aquilo estava cheio de chocolate/ não se apercebeu de nada/ tinha o vestido sujo sem saber/ mãe não reparou que estava toda suja de chocolate/ sem saber que o vestido está sujo/ a pensar que o vestido estava bem/ Mãe não sabia (que estava suja)/ Não sabia que levava o vestido sujo	12
Menina esqueceu-se de lavas as mãos/Menina aproveita e limpa as mãos/...ela depois apertou-lhe o vestido estavam a falar ao mesmo tempo e ela limpou-lhe lá as mãos (Q) depois (de lhe apertar o vestido limpou lá as mãos)/lavou as mãos no vestido	4
Mãe deve ter dito obrigado à menina	2
Menina estava a acabar de acordar	1
Menina não consegue puxar o vestido porque tem as mãos escorregadias	1
Para “se vingar da mãe”/ A menina sorriu como quem fez uma maldade.../... percebeu que tinha feito asneiras mas não lhe apeteceu dizer nada/Menina cola chocolate no vestido da mãe sem querer	4

Anexo H

(A idade e o questionamento enquanto variáveis preditoras da informação exata, erros e confabulações - Regressão linear)

Tabela 12-Influência da idade e do questionamento na informação exata.

Informação exata	β	t	p	F	p	r^2 Adj	Δr^2	D-w	VIF
Constante	1.679	3.480	.001	35,365	.000	.366	.377	1.574	1.000
Idade	1.113	8.313	.000						
Condição 1 e 2	.483	1.277	.204						

Tabela 13 -Influência da idade e do questionamento nas confabulações

Confabulações	β	t	p	F	p	r^2 Adj	Δr^2	D-w	VIF
Constante	.804	3.869	.000	1.084	.000	.145	.159	1.701	1.000
Idade	.271	4.698	.000						
Condição 1 e 2	-.050	.163	.760						

Tabela 14- Influência da idade e do questionamento nos erros

Erros	β	t	p	F	p	r^2 Adj	Δr^2	D-w	VIF
Constante	.996	5.739	.000	4.351	.015	.053	.069	2.154	1.000
Idade	-.138	-2.857	.005						
Condição 1 e 2	-.100	-.735	.464						

Anexo I

(Distribuições das respostas às questões fechadas e capciosas em cada categoria de idade-
Qui-Quadrado por Simulação Monte Carlo)

Tabela 15- Distribuições das respostas à questão 1 em cada categoria de idade

A menina estava a comer chocolate?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	2	0	0	0	0	25.741**	.000	.001
Sim	7	11	12	12	12			
Não sei	0	1	0	0	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 16 - Distribuições das respostas à questão 2 em cada categoria de idade

A mulher tinha um ou dois filhos?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	0	0	0	1	1	18.491*	.055	.068
Sim	9	12	11	11	10			
Não sei	0	0	1	0	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p>.05 ** p< .001

Tabela 17 - Distribuições das respostas à questão 3 em cada categoria de idade

A carteira da mulher caiu no chão?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	5	10	8	9	5	31.229**	.000	.001
Sim	4	1	3	0	1			
Não sei	0	1	1	3	6			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 18- Distribuições das respostas à questão 4 em cada categoria de idade

A mulher chamava-se Ana Silva?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	2	6	2	5	1	29.827*	.001	.003
Sim	3	2	0	1	0			
Não sei	4	4	10	6	11			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 19 - Distribuições das respostas à questão 5 em cada categoria de idade

A mulher deu um beijo à menina antes de se ir embora?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12 ^a n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	1	5	3	3	2	23.972*	.009	.014
Sim	8	7	9	7	10			
Não sei	0	0	0	2	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 20 - Distribuições das respostas à questão 6 em cada categoria de idade

O irmão da menina estava a ver o que aconteceu ou não?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	6	11	11	10	10	26.292*	.003	.007
Sim	3	1	0	0	0			
Não sei	0	0	1	2	2			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 21 - Distribuições das respostas à questão 7 em cada categoria de idade

A mulher deu uma palmada na menina, ou não?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	8	11	12	11	12	15.000*	.043	.054
Sim	1	1	0	1	0			
Não sei	0	0	0	0	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 22 - Distribuições das respostas à questão 8 em cada categoria de idade

A menina e a mulher deram um abraço uma à outra?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	5	9	5	5	9	23.518*	.005	.010
Sim	4	2	7	7	3			
Não sei	0	1	0	0	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 23- Distribuições das respostas à questão 9 em cada categoria de idade

<i>A menina disse adeus à mulher?</i>	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12 ^a <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	4	6	3	3	0	22.967*	.016	.024
Sim	4	4	8	8	10			
Não sei	1	2	1	1	2			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 24 - Distribuições das respostas à questão 10 em cada categoria de idade

<i>O pai da menina estava em casa?</i>	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12 ^a <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	7	12	10	9	10	20.875*	.031	.041
Sim	2	0	1	1	0			
Não sei	0	0	1	2	2			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 25 - Distribuições das respostas à questão 11 em cada categoria de idade

<i>A mulher tinha o cabelo pintado de cor de laranja?</i>	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	8	11	11	10	12	22.885*	.008	.013
Sim	1	1	1	0	0			
Não sei	0	0	0	2	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 26 - Distribuições das respostas à questão 12 em cada categoria de idade

<i>A menina estava a ver televisão?</i>	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12 ^a A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	8	11	10	11	11	19.167*	.048	.060
Sim	1	0	0	1	0			
Não sei	0	1	2	0	1			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 27 - Distribuições das respostas à questão 13 em cada categoria de idade

O vestido da mulher tinha um fecho?	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	5	1	0	1	0	28.886**	.000	.000
Sim	4	11	12	11	12			
Não sei	0	0	0	0	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 28- Distribuições das respostas à questão 14 em cada categoria de idade

A menina queria ir para a rua com a tia?	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	8	12	11	11	8	26.400*	.001	.004
Sim	1	0	0	0	0			
Não sei	0	0	1	1	4			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 29 - Distribuições das respostas à questão 15 em cada categoria de idade

O cachorro da mulher estava a ladrar no corredor?	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	7	12	10	12	9	25.133*	.006	.010
Sim	2	0	0	0	1			
Não sei	0	0	2	0	2			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 30 - Distribuições das respostas à questão 16 em cada categoria de idade

A mulher tinha acabado de tomar banho?	4A <i>n</i>	5-6A <i>n</i>	7-9A <i>n</i>	10-12A <i>n</i>	13-16A <i>n</i>	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	3	6	1	5	3	27.827*	.002	.005
Sim	6	6	10	4	5			
Não sei	0	0	1	3	4			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 31 - Distribuições das respostas à questão 17 em cada categoria de idade

A menina apertou o fecho da mulher no corredor?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	4	6	1	2	2	22.702*	,019	,027
Sim	4	5	10	10	9			
Não sei	1	1	1	0	1			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 32 - Distribuições das respostas à questão 18 em cada categoria de idade

O pai da menina pô-la de castigo?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	8	11	11	9	10	19.694*	.047	.058
Sim	1	1	0	2	0			
Não sei	0	0	1	1	2			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 33 - Distribuições das respostas à questão 19 em cada categoria de idade

O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	4	8	7	10	11	24.083*	.007	.011
Sim	5	3	5	1	1			
Não sei	0	1	0	1	0			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Tabela 34 - Distribuições das respostas à questão 20 em cada categoria de idade

A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu que tinha o vestido sujo?	4A n	5-6A n	7-9A n	10-12A n	13-16A n	χ^2	95% IC Monte Carlo 2 sided sig LL UL	
Não	7	9	7	5	7	27.393*	.002	.005
Sim	2	2	2	0	0			
Não sei	0	1	3	7	5			
Não responde	3	0	0	0	0			

*p<.05 ** p< .001

Anexo J

(Narrativas dos participantes que incorporaram detalhes introduzidos nas questões fechadas e capciosas)

Tabela 35- Transcrição das narrativas dos sujeitos (evocação imediata e diferida) que incorporaram detalhes introduzidos no questionamento fechado

Sexo	Idade	Sentença	Transcrição Evocação Imediata	Transcrição Evocação Diferida	Detalhe Incorporado	Questão
Fem	4	Fala-me	“Foi a filha pintou o vestido à mãe. E depois deu beijinho. (Q) A menina estava a comer (Q) um sumo na cozinha e foi comer bolacha. (Q) Foi pintar o vestido à mãe e foi embora e a menina foi beber o sumo e foi comer.”	“Era uma menina que estava a comer bolacha e beber sumo. (Q) Estava na cozinha. (Q) Foi abotoar o vestido a mãe (Q) e deu um beijinho à mãe e deu um abraço, (Q) e depois ela foi embora...a mãe e a menina foi comer bolacha e o sumo à cozinha.”	“[...] deu um beijinho à filha e deu um abraço.”	Questão 8- A mulher e a menina deram um abraço uma à outra?
Fem	8	Fala-me	“A menina estava a comer chocolate (Q) estava em cima de uma bancada e reparei que pareceu-me que a mãe se a visse não lhe iria deixar comer o chocolate, (Q) porque a menina estava assim a limpar e a esconder as mãos. E também como ela não conseguia fechar o vestido para não se sujar. (Q) O vestido branco que a mãe tinha. REPETIÇÃO: A mãe chamou-a para ajudá-la a fechar o vestido, mas como ela tinha as mãos sujas de chocolate, limpou as mãos ao vestido e só depois conseguiu fechar o fecho e	“Então... a menina estava em cima de uma bancada a comer chocolate as escondidas. (Q) Escondidas quer dizer a mãe não a deixava. Depois a mãe chamou-a para ajudá-la a fechar o vestido cá trás. Depois ela tinha as mãos muito escorregadias do chocolate, limpou as mãos ao vestido cá trás, depois ajudou-a, fechou o vestido, e a mãe foi-se embora com um casaco da cor preto. (Q) Que eu saiba depois não aconteceu mais nada.”	“[...] e a mãe foi-se embora com um casaco da cor preto.”	Questão 19 – O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?

depois a mãe foi-se embora e se ela foi sair para algum lado ficou com as costas muito bonitas e a menina ficou em casa.”

Masc	4	Conta-me	“(Q) A menina e a mãe. (Q) A apertar os botões à mãe (Q) a comer chocolate e sujou a camisola à mãe (Q) com as mãos. (Q) Chocolate. (Q) Por cima de uma cadeira (Q) Num banco. A mãe foi-se embora.”	“Já não me lembro. (Q) A menina a comer chocolate (Q) em cima do armário. A mãe estava a tomar banho (Q) e depois... (Q) a menina foi apertar os botões à mãe (Q) não sei como se chama aquilo... um vestido. O vestido estava cheio de chocolate, (Q) a menina estava com a boca com as mãos cheias de chocolate. (Q) A mãe foi-se embora. (Q) Num banco.”	“A mãe estava a tomar banho”.	Questão 16 – A mulher tinha acabado de tomar banho?
Fem	5	Conta-me	“Uma menina a comer chocolate (Q) ela foi apertar os botões à senhora e deixou um bocadinho de chocolate (Q) atrás. (Q) No quarto. (Q) No corredor com um banco. (Q) A mãe fugiu. (Q) Ela estava ali sossegada. (Q) Não. (Q) Só disse adeus.”	“Não me lembro. (Q) Uma menina (Q) estava a comer chocolate na cozinha. (Q) A mãe chamou-a (Q) para apertar o fecho da camisola. (Q) A menina ficou com chocolate na boca. (Q) A mãe estava a tomar banho na casa de banho.”	“A mãe estava a tomar banho na casa de banho.”	Questão 16 – A mulher tinha acabado de tomar banho?

Fem	5	Conta-me	<p>“Ela estava a comer chocolate. (Q) Uma menina e depois estava a apertar o fecho à mãe (Q) Não sei. (Q) Na cozinha, (Q) na mesa e estava sentada. (Q) Chamaram-na. (Q) A mãe. (Q) Apertaram o fecho e depois a mãe ficou com chocolate atrás das costas. (Q) Porque a filha estava com barbas. (Q) A mãe estava na casa de banho.”</p>	<p>“(Q) Havia uma menina (Q) a comer chocolate (Q) na cozinha (Q) a mãe chamou para apertar (Q) o fecho do vestido. E depois sujou ao vestido, lavou as mãos ao vestido (Q) a menina. (Q) chocolate. (Q) o vestido (Q) com chocolate (Q). A mãe ralhou. (Q) No quarto.”</p>	<p>“A mãe”</p>	<p>Questão 20- A mulher ficou muito zangada com a menina quando viu o vestido sujo?</p>
Masc	16	Conta-me	<p>“A filha estava a comer chocolate às escondidas depois a mãe pediu para apertar o vestido, depois ela ao apertar limpou as mãos ao vestido e a mãe saiu de lá com o vestido sujo de chocolate. (Q) na cozinha, acho eu (Q) acho que estava em cima da banca. (Q) Para apertar o vestido e ela para a mãe não ver que ela tinha as mãos sujas de chocolate, limpou ao vestido enquanto ela estava de costas. (Q) No quarto dela. (Q) A mãe despediu-se da filha e foi-se embora. (Q) fez assim com as mãos (Adeus) (Q) xau.”</p>	<p>“Era uma menina que estava a comer chocolate às escondidas a mãe chamou-a e ela escondeu o chocolate, para lhe apertar o vestido chega lá limpou as mãos ao vestido aperta-lhe o casaco e despede-se da mãe. (Q) Na cozinha em cima da banca (Q) para lhe apertar o vestido (Q) escondeu o chocolate foi lá, a mãe de costas... (Q) No quarto (Q) Despediu-se e a mãe foi-se embora (Q) com um adeus”</p>	<p>“[...] ao vestido aperta-lhe o casaco e despede-se da mãe.”</p>	<p>Questão 19 – O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?</p>

Fem	15	Conta-me	<p>“Então estava uma criança a comer chocolate e estava-se a sujar toda enquanto comia, depois a mãe pediu-lhe para ela apertar o vestido e ela aproveitou para limpar lá as mãos. (Q) Acho que estava na cozinha em cima do balcão. (Q) Ela depois saiu do balcão limpou a boca que estava toda suja, foi ter com a mãe naquele corredor para a ajudar a apertar o vestido e limpou lá as mãos (Q) e depois ficou contente e a mãe foi-se embora sem dar conta. (Q) Ficou sozinha.”</p>	<p>“Então estava uma menina em cima de uma banca de uma cozinha a comer chocolate e estava toda suja e depois a mãe chamou-a para ela ajudar a apertar o vestido e ela apertou o vestido e aproveitou para limpar lá as mãos, depois a mãe foi embora e deixou lá a menina sozinha em casa. (Q) No corredor. (Q) Ah depois de limpar lá as mãos, ainda deram um abraço acho eu (Q) e estavam a falar ao mesmo tempo e ela limpou-lhe lá as mãos (Q) Não.”</p>	<p>“[...] ah depois de limpar lá as mãos ainda deram um abraço acho eu!”</p>	<p>Questão 8- A mulher e a menina deram um abraço uma à outra?</p>
Masc	7	Diz-me	<p>“Uma menina estava a comer um chocolate, (Q) a mãe chamou-a para lhe apertar o fecho do vestido e ela estava com as mãos sujas de chocolate, (Q) então ela apertou o fecho. A mãe foi-se embora com aquilo todo sujo. (Q) A menina riu-se.”</p>	<p>“Vi uma menina a comer chocolate e a ver televisão e depois a mãe chamou-a para ir apertar o fecho do vestido e ela tinha as mãos com chocolate (Q) e depois ela foi apertar o casaco. (Q) Ela deu um beijinho de despedida e depois o vestido estava sujo. A menina riu-se.”</p>	<p>“[...] ver televisão [...]”</p> <p>“[...] depois ela foi apertar o casaco.”</p>	<p>Questão 12- A menina estava a ver televisão?</p> <p>Questão 19 – O casaco da mulher também ficou sujo de chocolate?</p>